

Wander Veroni Maia

**Edição no Jornal Nacional
e Jornal da Record:**

**Uma análise comparativa a partir dos
critérios de noticiabilidade dos telejornais
de rede**

Belo Horizonte
2007

Índice

Introdução	9
1 Televisão e telejornalismo	13
1.1 Padrão de telejornalismo – Modelo Americano	15
1.2 Telejornalismo de Rede no Brasil	18
1.3 TV Globo	19
1.3.1 Jornal Nacional - JN	22
1.4 TV Record	24
1.4.1 Jornal da Record - JR	25
2 O relato midiático	29
2.1 (Re) Construção social da realidade através do relato midiático	30
2.1.1 Processo de espetacularização	33
2.2 Formato e padrão editorial	35
2.2.1 Produção de notícias	37
2.2.2 Edição de notícias	41
3 Telejornais em análise	45
3.1 Categorias de análise	47
3.2 Papel dos enunciadores	48
3.3 Postura editorial	51
3.4 Prioridades dos telejornais	56
3.5 Relação texto e imagem	59
3.6 Critérios de noticiabilidade	60

Considerações finais	65
Referências bibliográficas	69
Anexos	73

Monografia apresentada como pré-requisito para a conclusão do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, do Departamento de Ciência da Comunicação - DCC, do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH.

Orientação: Angela Moura.

Agradecimentos

Aos familiares, amigos, professores e jornalistas que me ajudaram, seja com conselhos, textos e conversas informais, a construir este trabalho. Obrigado por fazerem parte da minha vida e, principalmente, pela troca constante de experiências pessoais e profissionais.

À minha família, em especial ao meu pai, Vander Lúcio Maia de Jesus, e à minha mãe, Maria Cristina da Silva Maia, que sempre me apóiam e me incentivam a buscar novos horizontes.

À TV Band Minas, que foi a minha primeira janela para o telejornalismo.

À TV Record Minas, que de uma maneira muito profissional, deu-me a chance de entender melhor o fazer jornalístico numa emissora de TV Aberta.

À Julia Leocádia. Obrigado por ter me possibilitado conhecer e entender as nuances do nosso idioma.

À minha professora, orientadora e amiga Angela Maria de Moura Cruz. Obrigado por estar ao meu lado durante a jornada acadêmica.

A Deus, pelo aprendizado de todos os dias.

“Editar é uma arte. (...) Mas não é uma simples colagem de sons e imagens. Por ser uma arte requer paciência, dedicação, concentração, habilidade, criatividade e sensibilidade. E, sem dúvida, quando falamos de edição em telejornalismo, é preciso acrescentar ainda: fidelidade às informações”.
(PATERNOSTRO, 1999, p. 128).

Introdução

O telejornalismo é uma área que me atraiu desde criança, por volta dos 11 anos de idade, quando meu pai começou a trabalhar na TV Band Minas, na equipe técnica. Foi nessa época que tive contato com uma redação e comecei a acompanhar, à distância, o fazer jornalístico em televisão. Na Band, quando visitava meu pai no ambiente de trabalho, esporadicamente, tive a oportunidade de observar o processo de construção da notícia, apuração, redação de material noticioso, edição e apresentação da informação. Desde a adolescência, lia livros sobre telejornalismo, por indicação de jornalistas que atuam na área, e observava, como leigo, o conteúdo editorial dos telejornais de rede. Isso me incentivou a cursar a graduação em Jornalismo e a me interessar pelas pesquisas relacionadas a essa área durante minha jornada acadêmica.

Durante a faculdade, tive a oportunidade de fazer acompanhamento na redação da TV Record Minas. Foi a partir dessa experiência, não mais platônica por TV, mas sim prática, que percebi o quanto a TV exerce um certo fascínio e é o principal canal informativo para a população, de um modo geral.

O veículo televisão é uma mídia que demanda de som, imagem e texto. A simples ausência de qualquer um desses fatores, seja por incapacidade técnica, amadorismo ou até mesmo falta de planejamento nas questões de rotina produtiva, faz com que ela não exerça plenamente o seu poder de difundir a informação.

A notícia, como produto final informativo, que chega à casa de milhões de telespectadores por meio da locução dos apresentadores e do relato do repórteres, passa por todo um processo de

“lapidação” dentro da redação que vai desde a orientação textual, a seleção de imagens que irão cobrir esse texto, o som ambiente que será utilizado até que se chegue ao produto que é a notícia exibida na TV. O telejornal existe para oferecer ao telespectador informações sobre os fatos mais importantes da região, do país e do mundo. A edição, vertente de análise dentro do estudo de telejornalismo proposto neste trabalho, é uma “arte” que reúne três ingredientes básicos do telejornalismo: imagem, informação e emoção. Quesito fundamental na orientação da construção noticiosa, a edição tem a capacidade de dar o tom da informação. Desse modo, permite conduzir os profissionais sobre como trabalhar determinados assuntos e discuti-los dentro do produto informativo final.

A relevância desta pesquisa está principalmente no fato de que ela se baseia na especialização em edição no telejornalismo. Este assunto é raramente explorado, de produção científica escassa. A literatura científica no Brasil trata a edição como um item a mais dentro do estudo do telejornalismo e os livros dedicados a esse assunto são mais técnicos do que jornalísticos. O tema é relevante e está relacionado com o telejornalismo e com o *Newsmaking* – estudo da sociologia dos emissores, na Teoria da Comunicação, discutida por Wolf (1999). A escolha do *Jornal Nacional* – JN (TV Globo) e o *Jornal da Record* – JR (TV Record), na análise comparativa, se deve ao fato de que ambos são os principais telejornais de rede destas emissoras. O JN é pioneiro na TV brasileira, um dos noticiários de mais tempo no ar e serve de referência ao estudo do telejornalismo brasileiro; já o JR – que já passou por inúmeros formatos no decorrer de sua história, atualmente, se inspira livremente no modelo americano adotado pelo JN e tem obtido a vice-liderança em audiência¹ desde a nova paginação.

¹ De acordo com o site da TV Record, o *Jornal da Record* – JR, sob o comando de Adriana Araújo e Celso Freitas, obtêm média de 11 pontos de audiência, desde a estréia do novo formato, em 31 de janeiro de 2006. No antigo formato, apresentado pelo jornalista Boris Casoy, o noticiário tinha uma média de 6 pontos. Cada ponto corresponde, na Região Metropolitana de São Paulo,

O objetivo desta monografia é analisar, de maneira comparativa, as duas linhas editoriais adotadas em cada telejornal e, ao mesmo tempo, identificar quais os critérios de noticiabilidade adotados nos dois telejornais, se são idênticos ou não. Tanto o JN quanto o JR foram gravados no período de uma semana, nos seus respectivos horários de exibição. Por consequência foi investigado, também, se a existência (ou não) da narração/relato de conflito social nas notícias exibidas é um fator determinante na produção noticiosa da informação dentro dos telejornais.

Este trabalho se estrutura em três capítulos. O primeiro preocupa-se em fazer a abordagem histórica do telejornalismo, explicar a influência do padrão americano no telejornalismo brasileiro e apresenta o JN e JR. O segundo capítulo se aprofunda na parte teórica e conceitual, definindo, entre outros itens, os critérios de noticiabilidade. Já o terceiro e último capítulo consiste na análise da gravação dos dois telejornais utilizados nesta pesquisa, durante o período de uma semana, cuja metodologia é desenvolver uma linha de pesquisa sobre o *Jornal Nacional* – TV Globo e *Jornal da Record* – TV Record, a fim de fazer uma análise comparativa e, ao mesmo tempo, investigar, a partir das notícias exibidas, como se dão os critérios de noticiabilidade editorial adotado nestes telejornais em questão – em caráter de pós-produção.

O que se espera é que este trabalho contribua para estimular pesquisas sobre telejornalismo, mais especificamente, em edição, que são muito escassas.

a 54,4 mil domicílios, conforme o Ibope – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. Disponível em: <<http://www.rederecord.com.br/imprensa>>. Acessado em: 03 mar. 2007.

Capítulo 1

Televisão e telejornalismo

A televisão chegou ao Brasil em 1950, graças ao empreendedorismo de Assis Chateaubriand, dono dos *Diários e Emissoras Associados*, grupo de comunicação que já incluía emissoras de rádio, jornais impressos e agências de notícias. De acordo com Paternostro (1999), Chateaubriand “decidiu trazer os técnicos norte-americanos da RCA para implantar a televisão no Brasil. Importou também os equipamentos; uma antena foi instalada no alto do edifício do Banco do estado de São Paulo para retransmitir as imagens que viriam dos estúdios montados no prédio dos Diários Associados.” (PATERNOSTRO, 1999, p.28).

A autora diz ainda que a inauguração oficial da primeira emissora de TV no país ocorreu no dia 18 de setembro de 1950, ano em que entrava no ar a PRF-3 TV Difusora que, mais tarde, se transformou na TV Tupi de São Paulo – emissora pioneira na América Latina.

Em seu primeiro semestre de existência, a TV Tupi possuía cinco horas de programação diária, segundo Paternostro (1999). Das 18h às 23h, a programação incluía filmes, espetáculos de auditório e noticiário. No final da década de 1950 já funcionavam as seguintes emissoras: TV Tupi (1950), Paulista (1952) e Record (1953) em São Paulo; Tupi, Rio (1955) e Excelsior (1959) no Rio de Janeiro e Itacolomi (1956) em Belo Horizonte. Bahia (1990)

diz que a notícia na televisão, antes de se consolidar como telejornalismo, absorve a experiência e profissionais da imprensa escrita e radiofônica. A partir da década de 1980, a televisão começa a se estruturar e definir sua linguagem e expressão.

O primeiro telejornal da TV brasileira, de acordo com Paternostro (1999), foi *Imagens do Dia* que estreou no mesmo ano em que nasceu a TV Tupi de São Paulo, em 1950. Com estilo textual herdado do rádio e locução em *off*¹, Rui Resende, que era produtor, locutor e redator das notícias, apresentava as notas de imagens gravadas sem som e em preto e branco, gravadas muitas vezes em película. O noticiário durou aproximadamente um ano, quando deu lugar ao *Telenotícias Panair*, que também durou pouco tempo. Um dos primeiros telejornais a fazer sucesso na TV foi o *Repórter Esso*, na TV Tupi de São Paulo, que ficou no ar entre 1953 a 1970.

No início da TV Aberta, os anunciantes, geralmente, colocavam o nome da empresa nos programas patrocinados, como é o caso do *Repórter Esso*, lançado em 17 de junho de 1953, em São Paulo, dirigido e apresentado por Kalil Filho. Pontualmente, às 20h, entrava no ar a famosa abertura do noticiário: “Aqui fala o seu *Repórter Esso*, testemunha ocular da história”. O telejornal ganhou uma versão carioca no ano seguinte apresentada Gontijo Teodoro. A partir daí, de acordo com Paternostro (1999), o telejornalismo começou a esboçar linguagem e narrativa própria: texto mais objetivo, apresentador enquadrado no plano americano, preocupação editorial no tratamento das notícias e horário fixo para entrar no ar.

¹ Off: No telejornalismo, diz-se da locução do locutor ou repórter sobre as imagens da matéria ou reportagem.

1.1 Padrão de telejornalismo – Modelo Americano

Os fundamentos do telejornalismo brasileiro se espelharam no modelo norte-americano de fazer televisão, principalmente no modo de apresentação e produção das notícias. Segundo Coutinho (2003), o padrão americano de formação de pessoal e capacitação profissional da Rede Globo, por exemplo, teriam sido inspirados das experiências das emissoras de TV dos Estados Unidos e adaptados do livro *Television News*, de Irving Fang (1972).

Squirra, citado por Coutinho (2003), detalha essa influência do padrão americano no telejornalismo brasileiro:

Na área do telejornalismo eletrônico, o padrão norte-americano sempre foi clara e naturalmente seguido. Tanto na confecção do noticiário, quanto no formato do programa, no estilo e mesmo nos equipamentos periféricos usados na elaboração dos telejornais. (SQUIRRA *apud* COUTINHO, 2003, p.3).

Silverstone, citado por Coutinho (2003), diz que há centralidade da televisão na cultura americana. Para ele, “uma parte significativa da cultura televisiva consiste em oferecer histórias simples, facilmente reconhecíveis, reiteradas de forma contínua e semelhante em forma e conteúdo [...]”.(SILVERSTONE *apud* COUTINHO, 2003, p.5).

Schudson, citado por Coutinho (2003), comenta que “nenhum repórter apenas apresenta os fatos. Repórteres constroem histórias e, construir não é fingir, nem mentir, embora também não seja um processo de registro mecânico passivo. É um processo de que não pode ser feito sem imaginação”. (SCHUDSON *apud* COUTINHO, 2003, p.6).

Uma característica interessante da TV, apontada por Coutinho (2003), é que os acontecimentos possuem “início-meio-fim” e são reconhecidos como drama e, portanto, imediatamente noticiáveis – transformados em pauta para os jornalistas. Epstein, citado por

Coutinho (2003), afirma que “as três redes de televisão dos Estados Unidos – NBC, CBS e ABC – têm semelhanças em seus requisitos com relação à filmagem (gravação), tamanho, formato e perspectiva noticiosa desejada”. (EPSTEIN *apud* COUTINHO, 2003, p.6).

Epstein, citado por Coutinho (2003), menciona sobre cinco modelos ou modo de organização da informação na TV, conforme o quadro² a seguir:

² Quadro que apresenta uma síntese dos modelos de organização da informação na TV. (EPSTEIN *apud* COUTINHO, 2003, p.7).

Modelos de organização da informação da TV	
Modelo dialético	Cada notícia deve seguir o formato ponto-contraponto em que deve ser apresentado o pró e contra da estória, com os repórteres realizando uma síntese ao final do relato.
Modelo irônico	Quando não é possível apresentar esse balanceamento de opiniões, esse modelo possui elaboração textual com ironias e brincadeiras, devendo ser evitada a adoção de posturas polêmicas.
Pacote nacional	Dois estórias locais deveriam ser colocadas juntas, celebrando uma fusão, para usar um termo de edição de imagens, que adicionam um caráter nacional ao produto informativo.
História de ação	Deve ter uma narrativa noticiosa a partir do posicionamento dos personagens/grupos sociais envolvidos na matéria e que possuem idéias diferenciadas.
Modelo de nostalgia	Através de narração do repórter ou locutor, entrevistas e/ou edição de imagens, a estória é contada em termos de conflitos de valores. Em outras palavras, no telejornalismo americano e, de forma mais específica, nos noticiários de rede, o significado seria definido pela forma ou linha de construção da estória.

O modelo de telejornalismo americano imprimiu uma inovação na linha editorial e na apresentação das notícias, principalmente, no que se diz a respeito ao estilo, linguagem e a figura narrativa do repórter de vídeo importadas desse novo contexto. Squirra, citado por Coutinho (2003), argumenta que a edição é uma importante forma de organizar a informação dentro de um contexto de limite temporal - geralmente, um minuto e meio para cada matéria, e de atrair a atenção do público. "No telejornalismo, a forma empregada e dita no senso comum das redações como correta, é aquela que conta história na seqüência lógica, crescente, clara e [...] no tempo certo". (SQUIRRA apud COUTINHO, 2003, p. 3).

Coutinho (2003) comenta que apesar das críticas constantes que as outras mídias fazem a TV Globo, principalmente, pelos seus critérios editoriais de noticiabilidade e a superficialidade do seu telejornalismo, os repórteres desta emissora, em geral, servem de referência de qualidade no Brasil. Segundo Pignatari, citado por Coutinho, "partes das razões para essa avaliação poderiam ser compreendidas pelo fato de que a emissora eliminou a improvisação e imprimiu o ritmo da notícia na televisão brasileira, articulando ritmo entre texto e imagem". (PIGNATARI apud COUTINHO, 2003, p.114).

1.2 Telejornalismo de Rede no Brasil

O telejornal de rede surge com a idéia de transmitir, para todo o território brasileiro, as principais notícias do Brasil e do mundo e, ao mesmo tempo, eliminar a regionalização da programação das TVs abertas. O primeiro telejornal em rede nacional da televisão brasileira foi o *Jornal Nacional - JN*, da TV Globo, que entrou no ar em 1º de setembro de 1969, segundo Paternostro (1999). Gerado no Rio de Janeiro, sede da emissora carioca, o *Jornal Nacional* foi transmitido para várias emissoras de todo o país através

de um sistema da Embratel que associava a emissão por microondas e por satélite.

Criado por uma equipe chefiada pelo jornalista Armando Nogueira, o JN é o mais antigo telejornal brasileiro no ar. Pater-nostro (1999) conta ainda que o JN foi pioneiro em apresentar reportagens em cores e o primeiro a mostrar imagens via satélite de acontecimentos nacionais e internacionais em tempo real. O modelo de telejornalismo americano imprimia uma inovação na linha editorial e na apresentação das notícias, principalmente, no que se diz a respeito ao estilo, linguagem e a figura narrativa do repórter de vídeo importados desse novo contexto.

1.3 TV Globo

A TV Globo foi criada em 26 de abril de 1965. Assim, entrou no ar o canal 4, a TV Globo do Rio de Janeiro, o que originou, futuramente, a formação da *Rede Globo de Televisão*. De acordo com o site da emissora³, A TV Globo cobre 99,84% dos 5.043 municípios brasileiros, entre 113 emissoras geradoras e afiliadas. Foi pioneira nas transmissões internacionais e imprimiu um padrão⁴ de qualidade à televisão brasileira.

Com o sistema de transmissão via satélite - *Intelsat*, a TV Globo iniciou a operação em rede no Brasil, em 1969, com o Jornal Nacional. Também foi a primeira emissora a implantar a TV em cores no Brasil, em 1972. Já em 1975, a emissora começou a transmitir uma programação nacional, padronizada e oriunda do Rio de Janeiro. O PROJAC - Centro de Produção da Globo, em Jacarepaguá, segundo dados da TV Globo, é o maior centro de produção da América Latina e conta no total com 1,3 milhões me-

³ Disponível em: <<http://www.globo.com>>. Acessado em: 03 mar. 2007

⁴ Padrão Globo de Qualidade: sistema criado na década de 1970 pautado na qualidade estética e na padronização dos programas produzidos pela TV Globo desde então.

tros quadrados, dos quais 120 mil de área construída, que contém estúdios, módulos de produção e galpões de acervo.

Com uma programação variada, a TV Globo exhibe e produz: telenovelas, minisséries, especiais, shows, humorísticos, musicais, eventos e noticiários. Conforme dados da emissora, ao todo, são 4.420 horas de produção própria por ano. Atualmente conta com cerca de 8 mil funcionários⁵, sendo mais de 4 mil envolvidos diretamente na criação dos programas: autores, diretores, atores, jornalistas, cenógrafos, figurinistas, produtores, músicos e técnicos. Segundo o site da TV Globo, os telejornais da emissora são assistidos por cerca de 80% da população brasileira. A TV Globo possui cinco horas diárias de telejornalismo ao vivo, em nove telejornais, cinco deles de rede⁶.

Desde 2005, a TV Globo tem uma forte concorrente: a TV Record. Financiada pela *Igreja Universal do Reino de Deus - IURD*⁷, a TV Record, sob o slogan "a caminho da liderança" vem conseguindo se firmar na vice-liderança absoluta no horário nobre, segundo dados consolidados do Ibope, da Grande São Paulo⁸. A

⁵ Dados obtidos pelo institucional da TV Globo, no site da emissora.

⁶ Os telejornais de rede da TV Globo são: o *Bom Dia Brasil*, das 07h15 às 08h10; o *Jornal Hoje*, das 13h15 às 13h55; *Jornal Nacional*, das 20h15 às 20h55; e *Jornal da Globo*, das 23h55 a 00h30.

⁷ A *Igreja Universal do Reino de Deus - IURD*, é uma igreja cristã de linhas neopentecostais, fundada no Brasil em 1977. Além da *Rede Record* de rádio e TV, e da *Rede Mulher*, a Igreja Universal possui uma série de publicações e veículos de comunicação. Na Internet, há o *Portal Arca Universal*, que traz informações sobre a doutrina da fé praticada pela IURD. Há o *Jornal Folha Universal*, com mais de 2,3 milhões exemplares publicados por semana e a *Revista Plenitude*, de tiragem mensal, com mais de 330 mil exemplares. As duas publicações trazem assuntos do dia-a-dia, testemunhos de fiéis quanto a milagres e bênçãos e artigos assinados por bispos e pastores. O jornal *Hoje em Dia*, em Minas Gerais, não é religioso e traz notícias da sociedade em geral. A *Editora Gráfica Universal* é responsável pela publicação de livros escritos por profissionais de diversas áreas ligados à IURD e por bispos e pastores. A maior parte destes livros é escrita pelo próprio fundador da Igreja Universal, Edir Macedo.

⁸ Conforme o site Tele História. História da TV Globo. São Paulo. Disponível em: <<http://www.telehistoria.com.br/>>. Acessado em: 03 mar. 2007

partir daí, a TV Record inflacionou salários ao contratar jornalistas, artistas e técnicos consagrados na TV Aberta. Isso obrigou a Rede Globo a bancar renovações de contrato antes da hora e com valores maiores também.

Estima-se que, nos últimos dois anos, a IURD injetou R\$ 500 milhões na Record, através da compra dos horários para a Universal. A Record contratou diversos artistas, principalmente vindos da Rede Globo, e reativou seu núcleo de teledramaturgia. Com a novela “Prova de Amor”, aproveitando o fiasco de “Bang Bang”, encostou no “Jornal Nacional” e chegou a liderar empatado com o jornalístico, com médias superiores a 20 pontos. A novela teve custo de R\$ 80 mil por capítulo. Já em “Cidadão Brasileiro”, que terminou no final de novembro de 2006, foram R\$ 150 mil por capítulo⁹.

De acordo com o site *Tele História*, a TV Globo perdeu sua hegemônica liderança na audiência em alguns momentos da sua trajetória: em 1990, quando a TV Manchete exibia *Pantanal*; em 1991, na telenovela infanto-juvenil *Carrossel* no SBT - fato que aumentou o tempo de duração do *Jornal Nacional* de 30 para 50 minutos; em 2001, na estréia do reality show *Casa dos Artistas*, baseada no formato do *Big Brother*, criado pela produtora holandesa *Endemol*, com direitos comprados pela TV Globo. “Tal fato derrubou a audiência do *Fantástico*, chegando a atingir 50 pontos contra apenas 15 da tradicional revista eletrônica. Dias após o término [do programa], foi lançado o *Big Brother Brasil*, que já chegou na sétima edição¹⁰”. Em 2007, segundo o jornal *Folha de São Paulo*¹¹, a TV Record incomodou a audiência da TV Globo,

⁹ Disponível em: <<http://www.telehistoria.com.br/>>. Acessado em: 03 mar. 2007

¹⁰ Disponível em: <<http://www.telehistoria.com.br/>>. Acessado em: 03 mar. 2007.

¹¹ *Folha Online*, site do jornal Folha de São Paulo, acessado em: 13 de fevereiro de 2007.

em duas quartas-feiras seguidas do mês de janeiro/2007, com a novela *Vidas Opostas* (ANEXO D), exibida na faixa das 22h.

1.3.1 Jornal Nacional - JN

O *Jornal Nacional* – JN, estreou no dia 1º de setembro de 1969, sob a apresentação de Cid Moreira e Hilton Gomes e com duração de meia hora. Com apenas quatro anos de vida e em fase de amadurecimento, a TV Globo apostou no novo sistema de microondas da Embratel e fez o primeiro programa simultaneamente transmitido para várias cidades brasileiras.

A TV Globo lançou o primeiro programa em rede nacional: às 19h56 do dia 1º de setembro de 1969 entra no ar o *Jornal Nacional*, feito no Rio e transmitido ao vivo, via Embratel, para as emissoras da rede, mostrando imagens de várias cidades brasileiras que haviam sido geradas para a sede no Rio de Janeiro, via satélite. (PATERNOSTRO, 1999, p.31-32).

Na década de 1980, o JN começou a apresentar um grande número de material investigativo e aumentou sua duração para 40 minutos. O jornal teve diversos apresentadores entre eles: 1971 - Cid Moreira e Ronaldo Rosas; 1972 - Cid Moreira e Sérgio Chapelin; 1983 - Cid Moreira e Celso Freitas; 1989 - Cid Moreira e Sérgio Chapelin; 1996 - William Bonner e Lilian Witte Fibe; e desde 1997 - William Bonner e Fátima Bernardes.

O JN é pioneiro na história do telejornalismo brasileiro por ser o primeiro telejornal de rede na TV Aberta. Com matérias de até um minuto e meio, uma edição que relaciona um assunto de uma matéria à outra, plano médio nos apresentadores e a utilização de corte seco – o que dá agilidade na fala de cada apresentador, o JN é o telejornal que possui mais tempo no ar: 37 anos.

O tema de abertura é *The Fuzz*, de Frank Devol, que já teve outros arranjos e segue atualmente na vinheta do telejornal. Após anos no estúdio, o telejornal passou, em 2000, a ser apresentado

ao vivo de um mezanino na redação da TV Globo, no Rio de Janeiro. A abertura também foi simplificada: a sigla "JN" passa pela redação até chegar na bancada dos apresentadores.

Atualmente exibido de segunda-feira a sábado, das 20h15 às 20h55 e com uma média de 35 pontos diários de audiência, o *Jornal Nacional* ainda é um dos programas mais assistidos da televisão brasileira, segundo o Ibope. Os idealizadores do telejornal foram Alice Maria – diretora da *Globo News*, e Armando Nogueira – hoje comentarista esportivo da *Sportv*.

De acordo com o site *Tele História*, o JN mudou de cenário sete vezes em sua trajetória: 1969, 1972, 1979 (o primeiro de Hans Donner¹²), 1981, 1983, 1989 e 2000. O cenário utilizado entre 1989 e 2000 foi atualizado algumas vezes. O tema de abertura acompanhava a mudança e ganhava novo arranjo musical. No começo dos anos 1990, a previsão do tempo começou a ser apresentada pela "Moça do Tempo". A primeira foi Sandra Annenberg.

Em 1992, após 23 anos no ar, pela primeira vez uma mulher apresentou o jornal: Valéria Monteiro, que comandava o *Jornal Hoje* e já havia passado pelo *Fantástico*, foi ao ar junto com Cid Moreira. Depois dela vieram Sandra Annenberg, Ana Paula Padrão, Mônica Waldvogel, Lilian Witte Fibbe, Carla Vilhena e Fátima Bernardes.

A trilha sonora da vinheta de abertura e escalada do JN foi alterada por uma versão acústica, mais lenta, na edição de 2 de abril de 2005, quando foi anunciada a morte do Papa João Paulo II. A trilha original voltou no dia 9 de abril, após a cobertura do enterro. Os temas de escalada e abertura (trilha sonora) foram alterados também na edição de 19 de abril de 2005, quando Joseph Ratzinger foi eleito Papa, tornando-se Bento XVI. Da mesma forma dita anteriormente, foi executada uma versão clássica da trilha e, no dia seguinte, voltou-se ao tema anterior.

¹² Hans Donner é um designer alemão criado na Áustria e naturalizado brasileiro. Donner é o responsável pelas vinhetas e peças de abertura dos programas da TV Globo.

1.4 TV Record

A TV Record estreou no dia 27 de setembro de 1953, às 20 horas. A primeira atração exibida foi um programa musical apresentado por Sandra Amaral e Hélio Ansaldo¹³. Naquela época, só havia a TV Tupi como concorrente. Equipada com o que havia de mais avançado, a emissora logo causou impacto na imprensa. De acordo com o site da TV Record, nos primeiros anos, ela dedicou-se a programas musicais como *Grandes Espetáculos União*, apresentado por Blota Jr. e Sandra Amaral. Investiu também em telejornais e na programação esportiva. Nessa área, podemos destacar o *Mesa Redonda*, criado em 1954 e apresentado por Geraldo José de Almeida e Raul Tabajara, programa que fez escola na televisão, e as transmissões ao vivo das partidas de futebol e das lutas do Campeonato de Pugilismo.

Atualmente, a Rede Record cobre 98% do território nacional e possui cinco emissoras próprias (nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília - DF, Minas Gerais e Pernambuco) e 92 afiliadas/repetidoras no restante do país. Foi a primeira emissora a transmitir, ao vivo, o Grande Prêmio de Turfe do Brasil, em 1956, direto do Jockey Club do Rio de Janeiro.

Em 2000, a TV Record reformulou a sua programação. Começou a investir em teledramaturgia e em telejornalismo, contratando profissionais de destaque no mercado, principalmente, profissionais que atuavam na TV Globo, tanto da área técnica, quanto artistas. O ano de 2005 foi marcado pelo crescimento e consolidação da vice-liderança, principalmente no horário nobre, das 18h à meia-noite. Nesse ano, a emissora consolidou-se na teledramaturgia e criou o RecNov – um centro de produções de telenovelas em Várzea Grande, no Rio de Janeiro.

Em 2006, a TV Record atingiu a vice-liderança em faturamento publicitário e audiência, marcando um crescimento histórico na TV aberta brasileira. No dia 31 de janeiro deste ano, entra

¹³ Sandra Amaral e Hélio Ansaldo foram os primeiros apresentadores da TV Record.

no ar o novo *Jornal da Record* sob a apresentação de Celso Freitas e Adriana Araújo. O telejornal, a partir daí, assume uma nova paginação e estrutura editorial, conforme podemos observar no item a seguir.

A emissora vence o *Prêmio Caboré*, o mais importante da propaganda brasileira, na categoria *veículo de comunicação - mídia eletrônica*. O jornalismo da TV Record conquista o *Prêmio Tim Lopes de Investigação Jornalística* com a reportagem que abordou o abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes; fatura o *Prêmio CNT* com a série de reportagens *Brasil Sobre Rodas*, exibida no *Jornal da Record* e é eleita destaque do ano pela *Academia Brasileira de Marketing*. Em 2007, a Rede Record se prepara para lançar, no início do segundo semestre, o *Record News* – canal de notícias 24 horas que será transmitido, inicialmente, em UHF e em TV Paga.

1.4.1 Jornal da Record - JR

O *Jornal da Record* – JR surgiu na década de 1980 com o intuito de ser o telejornal de rede da TV Record. Os primeiros apresentadores foram Paulo Markun e Silvia Poppovic. O jornalista Carlos Nascimento esteve à frente do JR entre 1989 e 1990. Em 1993 e 1994, o telejornal foi apresentado por Carlos Oliveira. No dia 07 de maio de 1995, Chico Pinheiro, que era da TV Band, estreou como âncora no JR.

Conforme o site *Tele História*, no dia 26 de outubro de 1995, a TV Record rescindiu o contrato com Chico Pinheiro. Dias antes, Chico havia declarado à imprensa que a emissora proibia a abordagem de assuntos que não interessavam à *IURD*. Em seu lugar, assumiu Ney Gonçalves Dias. Posteriormente, Adriana de Castro ficou à frente da apresentação do telejornal.

O telejornal registrou cinco pontos no Ibope em 1996, ano em que houve grande crescimento na audiência do telejornalismo da TV Record. Em junho de 1996, foi contratado o jornalista Boris Casoy - que apresentava o *TJ Brasil* no SBT desde 1988.

A segunda fase começou em dia 14 de julho de 1997 e marca o início de Boris à frente do JR como novo âncora.

Aos sábados, o telejornal era apresentado pela comentarista de economia Salete Lemos. No dia 30 de dezembro de 2005, a TV Record rescindiu o contrato com o jornalista Boris Casoy. Segundo a emissora, Boris saiu porque não concordava com mudanças que estavam sendo realizadas, como a introdução de uma mulher para dividir a bancada com o apresentador e a centralização do jornalismo do canal, já que Boris mantinha independência do restante da equipe.

Junto com Boris, deixaram a emissora Salete Lemos – comentarista de economia e apresentadora do telejornal aos sábados e o diretor Dácio Nitrini. Heleine Heringuer, que era repórter e mostrava diariamente a previsão do tempo, assumiu a apresentação do telejornal interinamente em 02 de janeiro de 2006 e comandou a atração até 28 de janeiro de 2006.

A atual fase do JR começou no dia 30 de janeiro de 2006, exatamente um mês após a rescisão do contrato de Boris Casoy. A TV Record estreou às 20h40 a nova e atual fase do *Jornal da Record*, livremente inspirado no *Jornal Nacional* da TV Globo. O telejornal tem apresentação dos jornalistas e ex-globais Celso Freitas - que já foi apresentador do JN e Adriana Araújo, que trabalhava na TV Globo de Brasília - DF.

Segundo comunicado oficial da TV Record, no site da emissora, sobre o JR:

A nova versão do principal telejornal da Record vem para oferecer aos telespectadores uma opção informativa cujas principais características são a agilidade na apresentação das notícias, o dinamismo na cobertura dos principais fatos, a produção de reportagens especiais, a elaboração de matérias exclusivas e investigativas e a credibilidade de profissionais experientes e consagrados no jornalismo brasileiro. Editorialmente, foram feitas mudanças na forma, no ritmo e na paginação do JR. As matérias são mais curtas – em geral um minuto e meio, o que deu mais

dinâmica ao andamento do programa. (REDE RECORD. *Comunicado oficial sobre o novo Jornal da Record que estreou no dia 30 de janeiro de 2006*. São Paulo¹⁴).

Para montar a nova equipe do *Jornal da Record*, a emissora contratou profissionais experientes, como os repórteres Lucio Sturm, Abigail Costa, Sylvestre Serrano e Cleisla Garcia, todos da TV Globo – além de Luiz Malavolta, também da concorrente, que assumiu a chefia de produção. A emissora passou a contar com correspondentes em Londres, Nova York, Tóquio e Jerusalém. Valdir Zwetsch, ex- produtor da Globo, passou a ser editor-chefe do telejornal. Para o novo *Jornal da Record*, a emissora promoveu uma reforma na redação que passou a ser o cenário do telejornal.

A novela *Cidadão Brasileiro*, que estreou no dia 13 de março de 2006, ocupou o horário do telejornal, que passou a ser exibido, neste dia, a partir das 21h15. No dia 22 de março de 2006, em virtude da novela *Cidadão Brasileiro*, o *Jornal da Record* passou a ser exibido em novo horário, das 19h às 19h30. Poucos dias depois, em nova estratégia, foi para às 18h45. Em 2006, após o fim do horário eleitoral a emissora volta a passar o JR das 19h às 19h45 – agora com mais 15 minutos de duração, antecedendo a novela *Bicho do Mato* – um dos principais produtos da TV Record. Com a estréia da novela infanto-juvenil *Alta Estação*, na faixa das 18h, em outubro de 2006, o JR passou a ser exibido depois do telejornal local, *MG Record*, das 19h50 às 20h35. Em março de 2007, com a estréia da novela *Luz do Sol*, que sucedeu *Bicho do Mato*, o *Jornal da Record* começa a ser exibido das 20h às 21h.

¹⁴ Disponível em: <www.rederecord.com.br>. Acessado em: 11 nov. 2006

Capítulo 2

O relato midiático

O papel desempenhado pela mídia na formação das sociedades modernas e crescente ênfase dos impactos sociais surgidos desde a criação da imprensa, no século XV até os dias de hoje, mostram como o relato midiático é importante dentro da dinâmica social. Thompson (1998) afirma que para se entender a modernidade é preciso que a mídia seja evidenciada – uma vez que ela está interligada a inúmeros processos que contribuíram para o desenvolvimento social.

A mídia possui o papel de difundir a informação no âmbito social e, para os historiadores, a função documental de registrar um dado período cronológico. De acordo com Thompson (1998), a mídia mudou a concepção de espaço e/ou tempo, surgindo assim, outro modo de ação/interação entre os indivíduos em sociedade. Para o autor, com os meios de comunicação, surgiu uma reorganização dos padrões de interação humana.

A interação se dissocia do ambiente físico e os indivíduos começam a interagir em um mesmo ambiente espaço-temporal. As pessoas começam a usar recursos de interatividade para romper distâncias e difundir informação no âmbito social. A interação, segundo Thompson (1998), é dividida em três tipos: *interação face a face*, *mediada* e *quase interação mediada*.

A *interação face a face* acontece com a presença de um ou

mais participantes usufruindo o mesmo referencial de tempo e espaço. Este tipo de interação é uma forma empregada por meio de deixas simbólicas, como por exemplo, uma conversa com gesticulações.

A *interação mediada* é caracterizada pelo uso de algum meio técnico, como por exemplo: cartas e telefone. Nessa interação, os indivíduos não compartilham o mesmo referencial espaço-temporal – uma vez que a mensagem prevê um destinatário específico e único que produzirá, ou não, resposta.

O último tipo é a *quase interação mediada*. Este tipo de interação se dá a partir dos meios de comunicação de massa, como por exemplo, os livros, jornais, rádio, televisão, etc. Possui caráter monológico e implica a produção de formas simbólicas para um número indefinido de receptores.

Desde o advento da imprensa na Europa do século XV, a *interação face a face* passa a ser complementada por outras formas de interação que cresceram por meio do intercâmbio de informação e conteúdo simbólico. A partir dessa mudança em relação à interação, as pessoas procuram conhecimento em fontes que não sejam outras pessoas. Desse modo, as tradições são criadas ou renovadas por meio da oralidade.

2.1 (Re) Construção social da realidade através do relato midiático

A TV Aberta é a mídia eletrônica que possui maior penetração no cotidiano das pessoas. De acordo com o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, existe pelo menos um aparelho de televisão para cada habitante do Brasil. Por ser, justamente, uma mídia de grande audiência entre o público, a televisão consegue fazer um recorte da realidade no decorrer do seu relato midiático, principalmente, no que se refere a emissão noticiosa.

Thompson (1998) acredita que a comunicação em televisão é a do tipo *quase interação mediada* – que implica a separação de

dois contextos: o de produção e de recepção; assim, as mensagens emitidas pela TV têm disponibilidade para transmitir a informação, independente dos limites físicos ou temporais.

A quase interação mediada televisiva cria assim o que podemos chamar de experiência espaço-temporal descontínua. Os indivíduos que assistem à televisão suspendem, até certo ponto, as coordenadas de espaço e de tempo do cotidiano e temporariamente se transportam para um diferente conjunto de coordenadas espaço-temporais, tornam-se viajantes no espaço e no tempo envolvidos numa transação com diferentes estruturais espaço-temporais e num intercâmbio de experiências mediadas de outros tempos e lugares com suas próprias experiências cotidianas (THOMPSON, 1998, p. 86).

O autor destaca que o fato de a televisão ter um caráter mais monológico, ela é fruto do fluxo de mensagens em sentido único. Desse modo, a informação é produzida e repassada por um determinado grupo de produtores e a um infinito de receptores que pouco contribuem para o conteúdo a ser veiculado.

A televisão mudou o modo de com os receptores e os destinatários recebem a informação. A imagem, som e texto se associaram num único conteúdo e a produção de resposta, por parte dos destinatários, não ocorre na mesma hora. Thompson (1998) acredita que, na medida do possível, os indivíduos procuram novos modos de interagir, não só com a televisão, mas com os outros meios de comunicação – o que caracteriza como *ação responsiva*, em que o homem, a partir de meios técnicos, procura dar um *feedback*¹ ao produtor.

A recepção dos produtos da mídia passa a ser vista como uma atividade de rotina, no sentido que é parte integrante das atividades constitutivas da vida diária. Além

¹ Palavra de origem inglesa que pode ser traduzida, grosseiramente, como informação que o emissor obtém da reação do receptor à sua mensagem, e que serve para avaliar os resultados da transmissão.

disso, depende das habilidades e competências adquiridas que os indivíduos mostram na recepção. Estas, que são adquiridas através de processos de aprendizagem ou de “inculcação” socialmente diferenciados. [...] Uma vez adquiridas, estas habilidades e competências se tornam parte da maneira social de ser dos indivíduos e se revelam tão automaticamente que ninguém as percebe como complexas, e muitas vezes sofisticadas, aquisições sociais (THOMPSON, 1998, p.43).

Outro fator relevante é o aperfeiçoamento da mídia e a mudança do que se entende na sociedade como fator *público* e *privado*. Anteriormente, havia pouca visibilidade de personalidades porque a única forma de interação disponível para a maioria dos indivíduos era *interação face a face*. Thompson (1998) diz que o sentido sócio-político ocidental de *público* significa aberto ou “acessível ao público”. Já *privado* é o que acontece além dos espectadores e privilegia o que acontece em privacidade ou entre um grupo restrito de participantes interessadas no que será exposto.

O *domínio privado* inclui organizações financeiras atuantes no mercado econômico e que visam fins lucrativos. Podem ser encaradas como parte desse cenário, como por exemplo as relações pessoais e familiares informais ou formalmente admitidas pela lei, como por exemplo, a instituição do matrimônio civil.

O *domínio público* fala sobre as instituições estatais: das corporações legislativas, judiciais, polícia, serviços militares, serviços sociais e uma gama de organizações criadas para o bem-estar social providas pela administração pública; que inclui também, segundo Thompson (1998), organizações econômicas de propriedade do estado, as indústrias nacionalizadas e as empresas de utilidade pública. O autor comenta também sobre as ONG'S (Organizações não-governamentais), que por exemplo, estão entre os dois domínios. São várias organizações intermediárias que não pertencem ao estado nem se situam inteiramente dentro do domínio privado.

Thompson (1998) destaca ainda o surgimento de um novo tipo

de publicidade: antes do desenvolvimento da mídia, a publicidade dos indivíduos ou dos acontecimentos era realizada em um lugar comum. Um evento se tornava público quando representado diante de um grande número de indivíduos. A partir dessas novas formas de interação, a publicidade não está mais limitada à presença de público no mesmo lugar. A comunicação trouxe a possibilidade de transmissão e/ou gravação de eventos que se tornam públicos para outros fisicamente distantes do tempo e do espaço.

A televisão começa a gerar receita com a publicidade da partilha de lugares comuns e da comunicação dialógica característica da *interação face a face*. Em razão da riqueza visual de suas deixas simbólicas, a televisão estabeleceu uma relação distinta entre publicidade e visibilidade. Thompson (1998) diz ainda que a televisão enfatiza o sentido da visão; deixas auditivas são combinadas com deixas virtuais para produzir a complexa imagem audiovisual. A mídia começou a ser usada também como uma forma de projetar a imagem pessoal e uma maneira de alcançar espectadores nos lugares mais distantes.

2.1.1 Processo de espetacularização

O espetáculo é nada mais do que tudo que chama a atenção do público. Mesmo a informação, dependendo do contexto, pode ser vista dessa forma: como algo que atrai, que prende o olhar. Segundo Dominique Wolton (1995), a televisão funcionaria como uma máquina geradora de acesso aos meios de comunicação de massa, e da informação, o que levaria obrigatoriamente a um processo de socialização dos vários modelos de democracia, como por exemplo, a democracia política, democracia econômica e democracia social.

Wolton (1995) acredita que a TV é uma mídia generalista, baseada na oferta de informações para um público grande e heterogêneo. “Mais do que um veículo de massa, a mídia é essencial para a democracia, já que oferece uma abertura a um mundo compartilhado e estabelece um vínculo constante com a questão

da identidade nacional"(WOLTON, 1995, p.68). Trata-se de um espelho da sociedade, em que assistimos as virtudes e falhas de nossa sociedade, para então aderir ou reivindicar mudanças construídas coletivamente.

A televisão oferece assuntos comuns a serem debatidos ou conversados pelas pessoas, independente de sua classe social e escolarização - impossível não pensar nas famílias reunidas em torno do rádio, em meados do século passado, ou na presença da TV na mesa de jantar.

Na diversificada grade de programação aprende-se a conviver com os programas que não agradam (assim como devemos coabitar socialmente com pessoas de interesses diferentes dos nossos). Para Wolton (1995) assistir TV não significaria acreditar ou aderir a ela. "Que seria de nossas vidas sem a televisão, assim como o rádio e os jornais, para aceder ao mundo e compreendê-lo?"(WOLTON, 1995, p.62).

A era da comunicação segmentada e da abundância de imagens, para o autor, cria dificuldades de acesso e seleção, além de apartar usuários em função das condições econômicas. "A democracia pressupõe a existência de intermediários de qualidade", afirma, daí a importância cada vez maior da TV. Ferrenho defensor das emissoras públicas, o autor considera a Rede Globo uma "instituição direta da democracia"brasileira, ao mesmo tempo em que ataca a produção desenfreada de conteúdos digitais, baseada na ideia da oferta. "No conjunto a oferta supera em muito a demanda"(WOLTON, 1995, p.92).

As esferas públicas acabam conectadas, tendo a mídia um papel de reflexividade central para essas conexões. "É por isso que o espaço público contemporâneo pode ser designado por espaço público mediatizado, no sentido em que é funcional e normativamente indissociável do papel dos media"(WOLTON, 1995, p.167).

Segundo o autor, o espaço público é um espaço simbólico em que se opõem e são respondidos os discursos, em sua maioria contraditórios, realizados por diferentes atores políticos, sociais,

religiosos e outros. É um espaço que precisa de tempo para formar um vocabulário e valores comuns que tenham legitimidade para deliberação na sociedade. Por isso, a importância adquirida pelo espaço midiático faz com que os atores se reportem aos meios de comunicação para legitimar seus discursos.

2.2 Formato e padrão editorial

A notícia na TV é uma construção de um relato informativo que, a princípio, já aconteceu, e que é apresentada como novidade para o público. O papel da televisão é entreter e informar. Em contrapartida, em várias partes do mundo, a absorção do público pelos noticiários só encontra um paralelo na aceitação dos gêneros de entretenimento. De acordo com Bahia (1990), na medida em que a TV faz do acontecimento e do evento suas atrações principais é possível pensar nesse aspecto de (re)construção da realidade por meio das notícias que são exibidas pelos telejornais.

A TV é uma mídia que vive do imediatismo da informação. Segundo Silverstone, mencionado por Coutinho (2002), a mensagem televisiva detém muitas habilidades, tais como advertiu McLuhan, de ser uma mídia que produz um deslocamento das percepções temporais e que sempre transforma acontecimentos já ocorridos em notícia, privilegiando o meio oral na sua forma de comunicar aos telespectadores.

A televisão, como meio difusor da comunicação, estabelece um marco em nossa experiência cultural. Coutinho (2002) diz ainda que os telespectadores, ao assistir televisão, estariam envolvidos no processo de (re) construção do fato em notícia - uma vez que a história seja contada para difundir a informação no âmbito social.

No que se refere ao caráter da informação, não apenas na televisão, mas em diversos meios de comunicação em que a busca pela audiência e/ou público se tornou uma exigência de mercado haveria redefinições quanto o que seria informação e entreteni-

mento. De acordo Kovach e Roseinstiel, mencionados por Coutinho (2002), o jornalismo estaria numa intensa busca de novos modelos ou padrões a serem seguidos. Para eles, o jornalismo estaria num estado de desorientação, se aproximando do sensacionalismo, entretenimento e opinião: “há uma tensão crescente entre o papel da imprensa como forma de acesso à informação de interesse público, notícias, e seu papel como um simples fornecedor de produtos de informações”. (KOVACH E ROSEINSTIEL apud COUTINHO, 2002, p.6).

Squirra, citado por Coutinho (2002), faz uma afirmação a respeito da produção de telejornalismo da TV Globo:

A partir da aproximação dessa rede dos padrões administrativos e de produção norte-americanos, a Central Globo de Jornalismo passou a refletir sobre os modelos adotados e produziu seus ‘Encontros de Telejornalismo’, que eram textos produzidos pelos jornalistas da rede e que foram editados pela sucursal de São Paulo, a partir de 1980. A apostila foi aperfeiçoada e deu origem ao Manual de Telejornalismo, publicado em 1985. (SQUIRRA apud COUTINHO, 2002, p.25)

Coutinho (2002) diz ainda que "por meio do Manual da TV Globo (de consumo interno) (...), o manual destaca que existe uma clara aproximação com a dramaturgia, reforçada na medida em que o discurso da TV teria a mediação do espetáculo, comum às mensagens de ficção e jornalísticas". (COUTINHO, 2002, p. 2).

Privilegiando a dramaticidade, o telejornalismo brasileiro por menoriza a explicação de temas complexos e evidencia a exibição das notícias com lição de moral. O termo *contar história* é enfatizado pela TV Globo que tem por princípio enaltecer o relato no decorrer do processo informativo. Temer, mencionado por Coutinho (2002), identifica que nos telejornais da TV Globo, e no vídeo de treinamento da emissora, é clara essa aproximação com a dramaturgia em detrimento do factual.

A popularidade das novas tecnologias deve-se em parte à imagem idealizada das redes telemáticas construída por formadores

de opinião, como empreendedores, jornalistas e políticos, motivados pela ilusão do novo e as possibilidades comerciais, desde filmes publicitários a merchandising, que a televisão adquiriu ao longo da sua história.

2.2.1 Produção de notícias

A simples tarefa de selecionar o que é ou não noticiável detém alguns critérios que passam pela percepção do próprio jornalista e do que a empresa midiática defende editorialmente. Wolf (1999) nos apresenta a ideia dos estudos dos emissores sobre o processo produtivo dos *mass media*, o *newsmaking* - a produção de notícias. Esta corrente de pesquisa nos mostra a sociologia dos emissores, mais especificamente, os mecanismos de produção da notícia sob o ponto de vista da *communication research*².

Mas, o que o comunicador leva em conta na hora de realizar a escolha dos acontecimentos que serão noticiados? Num primeiro momento, Wolf (1999) nos leva ao conceito de *gatekeeper* (*selecionador*), elaborado por Kurt Lewin³, que fala desse procedimento de filtragem – o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia – que, de acordo com Wolf (1999), acontece nas redações quando o jornalista – produtor de notícia, tem que selecionar os fatos/acontecimentos que serão transformados em notícia no decorrer do dia.

Wolf (1999) cita ainda uma pesquisa realizada por White que mostra o seguinte:

Das 1133 explicações para a recusa de uma notícia, cerca de 800 atribuíram-na à falta de espaço e cerca de 300 referiam ou a uma sobreposição com histórias já selecionadas ou à falta de interesse jornalístico ou falta de qualidade da escrita. Outros 76 casos diziam respeito a acon-

² Expressão de língua inglesa que significa pesquisas em comunicação.

³ Kurt Lewin foi psicólogo alemão nascido em 9 de setembro de 1890 em Mogilno, Alemanha. Também foi um importante pesquisador da área de comunicação que elaborou o conceito de *gatekeeper* – selecionador de notícias.

tecimentos em áreas afastadas do jornal e, por isso, presumivelmente desprovidas de interesse do leitor. (WHITE *apud* WOLF, 1999, p.162).

Na pesquisa acima, Wolf (1999) quis mostrar o quanto o processo de selecionar o que será ou não notícia acontece de forma explícita ou institucional dentro de uma redação. As decisões do selecionador são uma forma de compor uma espécie de zona de filtragem que condiz com o perfil do veículo ou da empresa. Em geral, segundo Wolf (1999), os critérios de seleção do *gatekeeper* são tomados a partir de uma avaliação individual, perante normas jornalísticas e de noticiabilidade.

O *newsmaking* apresenta essa preocupação em investigar quais são os critérios de importância e noticiabilidade na seleção da notícia. Na produção de informações, existem restrições ligadas à organização do trabalho, principalmente, sobre as convenções profissionais que determinam a definição de notícia, o que legitima também o processo produtivo, desde o uso das fontes, a seleção de fatos e modo como será transformado em notícia para o público.

A noticiabilidade se define como uma aptidão para um fato/acontecimento ser transformado em notícia e apresentado à sociedade. Wolf (1999) nos mostra três exigências obrigatórias de seleção que os órgãos de informação devem cumprir na produção de notícias, elaboradas por Tuchman:

1. Reconhecer o fato desconhecido como acontecimento;
2. Relatar os acontecimentos;
3. Organizar de forma temporal e noticiá-lo.

As notícias são aquilo que os jornalistas definem como tal, simplesmente, ao relatarem um fato/acontecimento, de modo a contribuir para veiculação da informação, este já pode ser considerada notícia – produto final da informação. Pode-se dizer também, segundo Wolf (1999), “que noticiabilidade corresponde

aos critérios operacionais que os meios de comunicação possuem na tarefa de escolher, dentro da sua rotina produtiva, entre um número imprevisível de fatos/acidentes, dentro de uma realidade temporal finita que o veículo de comunicação dispõe”. (WOLF, 1999, p.173).

Os valores/notícias surgem como componentes da noticiabilidade e são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou ausência são critérios relevantes na conclusão do produto informativo final chamado de notícia. Golding-Eliot, citado por Wolf (1999), conta que quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são suas probabilidades de se transformarem em notícia. Desse modo, os valores/notícias devem permitir que a seleção se caracterize por certo grau de comparação e flexibilidade, pré-ordenamento do sentido informativo do conteúdo e critérios fixos na avaliação/apuração do fato/acidente.

Cada notícia requer uma avaliação, embora automática e inconsciente, da disponibilidade e credibilidade das fontes, da importância ou do interesse do acontecimento e da sua atualidade, para além de uma possível avaliação dos critérios relativos ao produto informativo, ao meio de comunicação e ao formato. Wolf (1999) diz que os valores/notícias funcionam para tornarem possíveis a rotina do trabalho jornalístico, isto é, são contextualizados nos procedimentos de produção para adquirirem significado lógico aos critérios seletivos da informação.

As rotinas produtivas são o cotidiano dos produtores de notícia que se caracterizam, por três fases: recolha - são os canais de coleta de material que os produtores de notícia avaliam passíveis de noticiabilidade; seleção - dentro das apurações realizadas da rotina jornalística o que será transformado em notícia; apresentação - o formato (estético) com que essas notícias serão apresentadas ao público.

A agenda de serviço, nas suas diferentes formas e características organizativas, é constituída essencialmente pela

lista diferentes formas de acontecimentos que sobreviverão e cuja noticiabilidade é, em grande parte, dada como certa. Trata-se, obviamente, de acontecimentos previstos no tempo, fixados antecipadamente em agenda; por isso, na sua maioria, são fatos que se situam na esfera político-institucional-administrativa ou jurídica, e que permitem que os órgãos de informação organizem com certa antecedência o seu próprio trabalho. (WOLF, 1999, p. 212).

Na realidade, o fluxo de material a ser selecionado está habituado a um processo de racionalização do trabalho, tendo como base os valores/notícias observados dentro de um acontecimento. Golding-Eliot, citado por Wolf (1999), diz que no processo de seleção das notícias, a triagem e a organização do material que chega à redação constituem o processo de conversão dos acontecimentos observados nas notícias.

A informação tem a ver com os critérios de noticiabilidade. Os acontecimentos são tanto mais informativos quanto menos previsíveis e, portanto, mais inesperados. De acordo com Rodrigues (1993), o fato que se transformará em notícia pode ser mensurado pelas seguintes probabilidades: quanto menor for a probabilidade de um acontecimento, maior será o seu valor informativo.

Os jornalistas atuam como organizadores e redatores do que acontece na sociedade. Dentro dessa esfera, Rodrigues (1993) comenta ainda que a informação é regida pela ordem de acontecimentos do dia como, por exemplo, os fenômenos naturais, acidentes, conflitos sociais, guerras, etc. Para ele, o que faz um acontecimento virar informação independe da vontade humana (ou do jornalista) de noticiá-la. Entretanto, só se transformará em notícia se esse acontecimento for relatado nos meios de comunicação.

Os critérios de noticiabilidade estão estreitamente ligados aos processos de rotina dos meios de comunicação e o fazer jornalístico é marcado pela fragmentação da informação em função das rotinas produtivas. Para Wolf (1999), a notícia é aquilo que os jornalistas definem como tal, produto de um processo organizado

de construção do acontecimento de forma a entreter o público por meio do relato informativo.

A decisão do que vai ser noticiado é pragmática, mas os critérios de noticiabilidade muitas vezes dificultam a compreensão de aspectos significativos dos fatos apresentados como notícias. Mauro Wolf (1999) esclarece que o processo de seleção de notícias deve ser feito rapidamente. Por isso, os critérios devem ser facilmente aplicáveis de modo que as escolhas possam ser feitas sem muita reflexão. A noticiabilidade se constituiria, portanto, em um processo de distorção involuntária dentro dos meios de comunicação.

O valor/notícia está relacionado à disponibilidade de material e aos critérios relativos ao produto informativo, a partir dos quais os meios de comunicação se direcionam no momento de escolha do que é ou não encarado como algo que possa servir como notícia. Dentro dessa premissa, Wolf (1999) aponta os seguintes critérios: a) o grau de importância de quem está envolvido diretamente com o acontecimento noticioso; b) impacto social e a repercussão que poderá ser causada; c) número de pessoas, autoridades ou entidades públicas/privadas envolvidas com o caso; d) relevância noticiosa gerida pelo acontecimento publicado.

2.2.2 Edição de notícias

O fundamento principal da atividade de edição nos noticiários é transformar os acontecimentos numa história com princípio, meio e fim. O objetivo é fornecer uma representação sintética, breve, coerente e significativa à construção do relato noticioso. As notícias no *editing* (edição), de acordo com Wolf (1999), transformam-se em algo diferente: a partir da *imagem bruta*⁴ – no caso do telejornalismo, e das informações adquiridas pela apuração, o jornalista recria o fato e o transforma em notícia.

⁴ Imagem bruta: no telejornalismo, diz-se das imagens captadas pelo cinegrafista ou repórter cinematográfico que ainda não passaram pelo processo de edição.

De acordo com Altheide citado por Wolf (1999), o *editing e a apresentação das notícias* são:

Os processos de tratamento que não podem ser explicitados nos noticiários; se o fosse destruiria a convicção que o público tem de que a pretensão do órgão de informação não é criar as notícias, mas apenas relatá-las. A fase de apresentação dos acontecimentos dentro do formato e da duração dos noticiários consiste, precisamente, em anular os efeitos das limitações provocadas pelo veículo de comunicação, para restituir a informação do seu aspecto de espelho da realidade exterior, independente do órgão informativo. (ALTHEIDE *apud* WOLF, 1999, p. 162).

A edição condensa e focaliza a atenção em certos aspectos do acontecimento e traduz numa maneira de sistematizar os aspectos de relevância, fazendo um casamento entre discurso da imagem e do texto. Segundo Gans, citado por Wolf (1999), “a notícia torna-se assim, frequentemente, a ênfase das ênfases”. (GANS *apud* WOLF, 1999, p.198).

Wolf (1999) diz ainda que o público é o principal responsável pela *imagem de público* que os jornalistas elaboram. “O comunicador não deve se ater só a ser claro e simples, mas também a imagem de pedagogo e de tutor que se atribui à profissão, o que representa, portanto, uma reafirmação da sua utilidade social”. (WOLF, 1999, p.200).

Na redação, os produtores fazem o papel de selecionar dentre tantas informações ou acontecimentos o que pode ou não pode ser noticiado e encaminhar para os redatores avaliarem e repassá-los à apuração. Depois dos dados apurados, os editores os encaminham aos produtores novamente que repassam estas informações aos repórteres que vão a campo, junto com a equipe técnica, para a captação de material.

A edição é uma das atividades mais intensas, principalmente porque há uma velocidade muito grande de novos acontecimentos surgindo no decorrer do dia. Além do trabalho de condensar,

geralmente, em um minuto e meio, o material captado pelo repórter, o editor tem a tarefa de transformar essa coleta de imagens, sonoras, sons e off, em uma matéria que vai ao ar, posteriormente.

Capítulo 3

Telejornais em análise

Minayo (2001) aponta que a metodologia auxilia o pesquisador a exercer um panorama da realidade na coleta de conteúdo teórico, prático e/ou empírico. A metodologia tem o caráter norteador dentro da análise: é a parte do trabalho que ajuda a aprofundar a investigação proposta no problema de pesquisa e, dessa maneira, se faz necessário utilizar métodos científicos para tal constatação.

Nesta monografia, foram usados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento de material bibliográfico para dar embasamento ao tema proposto pelo trabalho; gravação do período de uma semana (de 16/04/2007 a 21/04/2007) do *Jornal Nacional* – TV Globo e *Jornal da Record* – TV Record, em seus respectivos horários de exibição e, posteriormente, a elaboração da análise comparativa de ambos os telejornais em caráter de pós-produção do conteúdo destes noticiários, ou seja, somente foram investigadas as matérias que foram ao ar.

A pesquisa bibliográfica ou exploratória consiste na coleta de dados – idéias, teorias, conceitos – em livros científicos, artigos, monografias, teses e dissertações que compreendem o a atmosfera da pesquisa ou parte dela. A análise busca cobrir um número muito maior de fenômenos relacionados ao objeto de estudo do que se pretende apurar, contudo, é de fundamental importância

para que se possa filtrar o que realmente é importante. (GIL, 1999).

A pesquisa documental é muito parecida com a pesquisa bibliográfica, a “única diferença entre ambas está na natureza das fontes” (GIL, 1999, p.66). A pesquisa documental busca auxílio em documentos e textos que não sofreram nenhum tipo de análise anterior ou que não constam em livros acadêmicos. Nesta parte, há que se considerar materiais como telejornais, revistas, jornais e sites. Existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico. De outro lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados. (GIL, 1999).

A escolha do *Jornal Nacional – JN* (TV Globo) e o *Jornal da Record – JR* (TV Record), na análise comparativa, se deve ao fato de que ambos os telejornais são, atualmente, os noticiários que possuem maior cobertura nacional de equipe jornalística e são, respectivamente, líder e vice-líder de audiência nos seus horários de exibição, segundo o Ibope.

Um dos constantes dilemas da imprensa é definir a importância do que deve ser ou não noticiado dentro de um universo ilimitado de acontecimentos. Traquina (2001) afirma que as empresas tentam controlar os fatores tempo e espaço adotando critérios e procedimentos para capturar os acontecimentos. Os critérios são uma espécie de filtro quantitativo do material que pode ser usado como matéria-prima noticiosa para os jornalistas.

Erbolato (1979) enumera alguns critérios de noticiabilidade para a realização dessa filtragem: a) proximidade; b) marco geográfico; c) impacto; d) proeminência – personalidades; e) aventura e conflito; f) conseqüências; g) humor; h) raridade; i) progresso; j) interesse humano; l) importância; m) rivalidade; n) política editorial do jornal; o) utilidade; p) oportunidade; q) culto de heróis; r) descobertas e invenções; s) repercussão.

Devido ao grande número de materiais que pode ser encontrados sobre o problema de pesquisa, Antônio Carlos Gil explica que é freqüente o pesquisador delimitar esse material e trabalhar com

apenas uma amostra, ou seja, “uma pequena parte dos elementos que compõem o universo”. (GIL, p. 99, 1999).

Para atingir tal objetivo, foram gravadas edições do *Jornal Nacional* (TV Globo) e *Jornal da Record* (TV Record), no período de 16 a 21 de abril/2007. Levando-se em conta que são telejornais diários – exibidos de segunda-feira a sábado, em horário nobre¹ na TV Aberta brasileira e serão coletados 6 programas de cada telejornal – ao todo serão 12 edições.

3.1 Categorias de análise

“O grande volume de material produzido pelos meios de comunicação de massa e a criação de técnicas para a sua quantificação determinam o desenvolvimento da análise de conteúdo”, (GIL, 1999, p.165). O autor explica que a análise pode ser realizada em três fases: uma pré-análise, a exploração do material e a interpretação dos dados.

Assim, de posse do material de pesquisa, passou-se a uma apreciação das matérias exibidas nos telejornais *Jornal Nacional* (TV Globo) e *Jornal da Record* (TV Record), a fim de se construir uma análise comparativa, tomando como base a postura editorial destes telejornais. Analisaremos, principalmente, a forma como cada telejornal aborda a construção do relato do acontecimento noticiado.

A fim de construir uma análise mais objetiva e direcionada ao tema proposto por este trabalho, adaptamos algumas categorias, mencionadas anteriormente por Erbolato (1979) e Wolf (1999) para o estudo do telejornalismo. Como categorização preliminar, serão adotadas as seguintes categorias analíticas:

¹ Entende-se por horário nobre na programação da TV Aberta brasileira, a faixa noturna que vai das 18h à meia-noite. De acordo com o Ibope/Telereport, esse é o período em que se encontra um grande número de televisores ligado

A) Papel dos enunciadores: a postura dos apresentadores na apresentação das notícias interfere na forma de passar a informação ao grande público.

B) Postura editorial: analisar a postura editorial dos telejornais *Jornal Nacional* e *Jornal da Record* e descrição minuciosa do telejornal, desde cenário, apresentadores, conduta usada na apresentação das notícias.

C) Prioridades dos telejornais: o papel que cada fato tem no desenrolar das apresentações da notícia. Geralmente, entram na escalada (manchetes) do noticiário as notícias de maior repercussão; as editoriais (ou temas) trabalhados no telejornal, geralmente, são: política, esporte, violência, comportamento, polícia, tragédias, prestação de serviço, internacional, nacional, regional, etc;

D) Relação texto e imagem: de que modo é feito o “casamento” entre o texto e imagem na elaboração das notícias/matérias/reportagens do dia.

E) Critérios de noticiabilidade: a partir dos conceitos já apresentados por Wolf (1999) e Erbolato (1979), verificar, em análise comparativa, quais são os critérios utilizados em cada telejornal para transformar um acontecimento em notícia e relacionar as fontes usadas nas matérias, bem como os depoimentos exclusivos, fontes oficiais, entrevistas, personagem da notícia, etc.

3.2 Papel dos enunciadores

A apresentação do telejornal é, de todas as tarefas, uma das mais importantes, pois é o resultado final do fazer jornalístico na TV. É a atividade que permite chegar ao público um recorte dos fatos mais importantes do dia dentro de um discurso previamente roteirizado e apurado por toda uma equipe. O ato de enunciar as notícias, de acordo com Jespers (1998), permite ao apresentador valorizar certos acontecimentos ou até mesmo inibir o interesse do telespectador pelo que está sendo mostrado.

O *Jornal Nacional* – JN é apresentado por William Bonner e

Fátima Bernardes, desde 1997. O JN é apresentado num mezanino dentro da redação da TV Globo. O mesmo acontece com o *Jornal da Record – JR*, em que o casal Adriana Araújo e Celso Freitas divide a bancada, dentro da redação da TV Record. Só que, neste caso, desde 2006, quando o telejornal passou por uma mudança de perfil editorial e o JR passou a ser apresentado desse modo – anteriormente, na época de Boris Casoy, o telejornal era apresentado em estúdio. Ambos os telejornais foram inspirados livremente no modelo americano de fazer telejornalismo em que a figura do casal, apresentando o telejornal, assegura o dinamismo na locução noticiosa.

Assim como acontece na maior parte do mundo, os apresentadores do JN e do JR usam roupas sociais formais, tom pausado e calmo na hora de apresentar as notícias. O texto da locução é coloquial, objetivo e faz uso de palavras afirmativas que prendem a atenção do telespectador. Na edição do dia 16 de abril, por exemplo, as palavras: “massacre”, “tragédia”, “vítimas” e “atentado”, aparecem em ambos telejornais para noticiar o crime ocorrido no campus da faculdade americana, Virginia Tech, em que um estudante sul-coreano assassinou 33 estudantes atirando com uma arma a esmo.

Jespers (1998) descreve ainda que o apresentador tem as funções de passar uma imagem isenta ao público - narrando os fatos na terceira pessoa; e ao mesmo tempo, ter que atenuar as angústias dos telespectadores face aos dramas e às dificuldades sociais e econômicas pelas quais passam o mundo, de um modo geral. Tanto no JN quanto no JR, os apresentadores não emitem opinião sobre as notícias que são exibidas, pois é percebida a adoção da postura jornalística informativa (e prestadora de serviço) dentro dos dois noticiários.

A função do enunciador, tanto no JN e no JR, se limita à apresentação das notícias em terceira pessoa ou de chamar os repórteres que produziram seus relatos noticiosos seja por matéria² e/ou

² Matéria: é o relato recolhido por um repórter, editado geralmente em um

reportagem³. Dessa forma, os enunciadores dos dois telejornais, por meio de um texto bastante curto chamado de cabeça⁴, permitem introduzir a seqüência de matérias; ou ainda em nota simples⁵ ou nota coberta⁶ noticiar um determinado fato, usando ou não o recurso visual chamado de arte⁷ como fundo esporádico dentro do cenário. A arte serve para evidenciar e ilustrar um tema que será noticiado.

Uma característica diferenciada nos telejornais analisados é que no JN a cabeça lida pelos apresentadores tem a função de despertar a atenção no telespectador: são textos curtos e que sintetizam o que o público verá na matéria e/ou reportagem. Já no JR a cabeça possui outra função: é um texto que complementa a informação do tema ou acontecimento que será trabalhado na matéria e/ou reportagem. Nesse sentido, a cabeça se assemelha a uma nota simples – é objetiva, mas nem por isso repete dados trabalhados no material noticioso exibido posteriormente.

Essa diferenciação constatada no decorrer da apresentação do JN e do JR está intimamente ligada ao tempo de cada telejornal e à linha editorial que cada um possui: o JN tem aproximadamente 45 minutos de duração e é bem mais objetivo e enxuto, pois se orienta a cobrir os destaques da área nacional e internacional; já o JR tem uma hora de duração. Apesar de também dar uma boa

minuto e meio a dois minutos, usando depoimento de fontes e especialistas para a abordagem. (BARBOSA, 2005)

³ Reportagem: é uma matéria mais trabalhada, aponta dados ou estatísticas anteriores ao assunto, as fontes reforçam ou acrescentam informações e maior aprofundamento de pesquisa dentro do assunto trabalhado. Geralmente, o tempo de duração é a partir de três minutos. (BARBOSA, 2005)

⁴Cabeça: locução do apresentador que antecipa e/ou sintetiza para o telespectador o que será mostrado na matéria realizada pelo repórter. (BARBOSA, 2005)

⁵ Nota simples: notícia curta, realizada pelo apresentador, destinada à informação do fato, sem muitos detalhes. (BARBOSA, 2005)

⁶ Nota coberta: é uma nota simples só que com a utilização de imagens. (BARBOSA, 2005)

⁷ Arte: recurso gráfico e visual que ilustra com imagens ou estatísticas um determinado assunto que será noticiado. (BARBOSA, 2005)

parte de tempo do noticiário à cobertura internacional, o carro-chefe do noticiário é cobrir a área policial nacional.

3.3 Postura editorial

O *Jornal da Record* – *JR*, principal noticiário da TV Record, é apresentado pelos jornalistas Adriana Araújo e Celso Freitas, das 20h às 21h, de segunda-feira a sábado. É um telejornal informativo que dá um espaço maior para as notícias do Brasil. Entretanto, quando há um importante acontecimento noticioso internacional, o *JR* abre espaço para essa editoria, mas mesmo assim ela não chega a ocupar todo o tempo destinado à exibição de notícias.

As editorias trabalhadas são: cobertura policial nacional; internacional; esporte; previsão do tempo; política (agenda do presidente e do Congresso); ciência & tecnologia; economia (cotação do dólar; bolsas mundiais e prestação de serviço ao consumidor); saúde e espaço para material noticioso produzido em outras Praças⁸.

Segue abaixo um exemplo da escalada⁹ do *Jornal da Record* – *JR*, do dia 16/04/2007:

CELSO FREITAS: Um novo pesadelo nos Estados Unidos: o maior massacre em uma universidade deixa mais de 30 mortos.

ADRIANA ARAÚJO: Estudantes brasileiros contam como foram as horas de terror.

CELSO FREITAS: O ataque contra a máfia dos caçaníqueis: uma fortuna impressionante é encontrada com os detidos na megaoperação da Polícia Federal.

⁸ Praça: Em televisão, o nome se refere às afiliadas da emissora matriz (geralmente em São Paulo ou no Rio de Janeiro) localizadas em outros estados do Brasil. No caso da TV Record, essas Praças são: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Fortaleza e Recife.

⁹ REDE RECORD, Escalada do *Jornal da Record* da edição do dia 16/04/2007. São Paulo: TV Record, 2007. DVD (60 min.), estéreo.

ADRIANA ARAÚJO: Carros luxuosos, relógios de ouro e mais de 15 milhões de reais em dinheiro e cheques.

CELSO FREITAS: Reféns do medo: agente penitenciário revela as ameaças sofridas pela categoria. Só este ano, cinco foram assassinados.

ADRIANA ARAÚJO: Em São Paulo, mais um jovem é espancado até a morte.

CELSO FREITAS: Um ônibus despenca e mata 12 no Ceará.

ADRIANA ARAÚJO: O encontro de Lula e Chávez na Venezuela.

CELSO FREITAS: Bactéria perigosa contamina hospitais no Rio.

ADRIANA ARAÚJO: Na reportagem especial, as plantas que curam: o que tem de verdade e de mentira sobre os remédios da floresta?

O JR conta com quatro correspondentes internacionais: Gilberto Smaniotto (Estados Unidos); Paulo Panayotis (Europa); Herbert Moraes (Oriente Médio) e Catarina Hong (Ásia). Eles produzem materiais noticiosos não só para o JR, mas para os demais noticiários nacionais da emissora. Em cada edição analisada, há pelo menos uma matéria internacional, não necessariamente de cada correspondente. As notícias internacionais aparecem de duas formas no telejornal: em nota coberta realizada pelos apresentadores e como matéria enviada pelos correspondentes internacionais. Somente quando há um acontecimento de grande repercussão internacional é que o JR exhibe reportagens, ou seja, dá mais tempo para se trabalhar esse assunto.

Por ser um telejornal, o noticiário evidencia constantemente as imagens. Só é transformado em nota o acontecimento que não pôde ter sido filmado ou que não tem um impacto significativo para o andamento do telejornal. O telejornal utiliza *teaser*¹⁰ na escalada para evidenciar uma matéria e/ou reportagem, seja com

¹⁰ Teaser: pequena chamada com imagens gravada pelo repórter de televisão para integrar a escalada do telejornal.

a passagem¹¹ dos repórteres, sonora¹² de algum entrevistado que causa polêmica ou imagens que possam gerar grande repercussão.

O JR não faz uso de lapada¹³ e faz pouco uso de nota pé¹⁴, apenas uma vez em cada edição analisada. Utiliza efeitos visuais no fundo no cenário para evidenciar um assunto tratado numa nota ou cabeça com o intuito de explicar dados ou elementos dentro da matéria. É um telejornal que evidencia, no decorrer do texto dos apresentadores e nas matérias e/ou reportagens exibidas, uma preocupação em apresentar ao telespectador andamento do fato noticioso no decorrer do dia ou se já houve casos semelhantes espalhados no Brasil ou no mundo.

O *Jornal Nacional – JN*, primeiro telejornal de rede do Brasil e o que está há mais tempo no ar, é apresentado pelos jornalistas Fátima Bernardes e William Bonner, das 20h15 às 20h55, de segunda-feira a sábado, na TV Globo. Além de apresentador, Bonner exerce a função de editor-chefe e Fátima Bernardes de editora. É um telejornal informativo que abre espaço para as notícias nacionais e internacionais.

Por ser pioneiro na TV brasileira, é um telejornal que serve de parâmetro para outros noticiários e foi inspirado no modelo norte americano de telejornalismo. A escalada no noticiário utiliza teaser e possui a função de resumir as notícias que são mostradas e, ao mesmo tempo, contar uma história em que as notícias aparentam ser interligadas umas às outras, ou seja, procura-se relacionar um assunto ao outro.

¹¹ Passagem: a gravação feita pelo repórter no local do acontecimento e que serve para fazer a ligação entre duas partes da reportagem, o off e as entrevistas.

¹² Sonora: termo usado nas redações de telejornalismo para indicar a fala do entrevistado.

¹³ Lapada: conjunto de notas cobertas.

¹⁴ Nota Pé: pequena nota simples, lida no final da matéria ou reportagem pelo apresentador que acrescenta informações aos dados anteriormente apresentados.

Segue abaixo um exemplo de escalada¹⁵ do *Jornal Nacional* – *JN*, do dia 16/04/2007:

WILLIAM BONNER: Tiros em Blackburg: mais de 30 pessoas morrem dentro de uma universidade nos Estados Unidos.

FÁTIMA BERNARDES: As atenções do mundo todo se voltam para o Estado da Virgínia.

WILLIAM BONNER: O presidente Bush se declara horrorizado.

FÁTIMA BERNARDES: Autoridades da segurança afirmam que não há indicações de motivação terrorista.

WILLIAM BONNER: Nossos repórteres trazem ao vivo todos os detalhes dessa tragédia americana.

FÁTIMA BERNARDES: Na Venezuela, líderes sul-americanos se reúnem para discutir as questões energéticas da região.

WILLIAM BONNER: Em Israel, as homenagens às vítimas do Holocausto: fogo e uma sirene que pede silêncio.

FÁTIMA BERNARDES: No Vaticano, e também na Alemanha, fiéis comemoram os 80 anos de Bento 16.

WILLIAM BONNER: No Abril Vermelho do MST, manifestantes sem-terra invadem um prédio do Incra em Brasília.

FÁTIMA BERNARDES: O IBGE começa o censo do campo e das cidades pequenas e médias.

WILLIAM BONNER: Luto no esporte brasileiro: a nadadora Maria Lenk morre após um mal estar dentro da piscina, aos 92 anos de idade.

FÁTIMA BERNARDES: Nossos repórteres revelam o endereço dos milhões de reais descobertos na Operação Furacão.

WILLIAM BONNER: Você vê agora, no *Jornal Nacional*.

¹⁵ REDE GLOBO, Escalada do *Jornal Nacional* da edição do dia 16/04/2007. Rio de Janeiro: TV Globo, 2007. DVD (40 min.), estéreo.

A divisão das editorias trabalhadas no JN acontece no seguinte modo: no primeiro bloco é dada maior ênfase para a cobertura policial e/ou violência tanto nacional como internacional; já no segundo bloco os temas política e previsão do tempo e alguns destaques internacionais em nota coberta; no terceiro e/ou último bloco aparecem a cobertura internacional, esportes e comportamento. O JN utiliza o recurso de lapada apenas para realizar um panorama de notas cobertas perante os destaques internacionais do dia.

Os correspondentes internacionais do JN são: Jorge Pontual (Nova York); Lilia Teles (Nova York); Roberto Kovalick (Nova York); Alberto Gaspar (Jerusalém), Ari Peixoto (Buenos Aires), Ilze Scamparini (Roma); Marcos Losekann (Londres); Pedro Bassan (Pequim) e Sônia Bridi (Paris). Eles produzem matérias/reportagens não só para o Jornal Nacional, mas para os outros noticiários nacionais da TV Globo.

A cabeça das matérias e/ou reportagens funciona com o intuito de resumir para o telespectador o assunto que será trabalhado no decorrer da notícia. O JN usa muito o recurso de nota pé para completar os dados apresentados no relato noticioso que não puderam ser contados, em tempo hábil, pela equipe de reportagem, ou ainda: para dar uma posição oficial de algum órgão público ou privado sobre um determinado acontecimento.

O JN faz uso constante de recursos gráficos visuais, seja para ilustrar o fundo do cenário ou para explicar em gráficos ou tabelas um dado numérico ou ainda para realizar simulação de um crime ou acontecimento com o intuito de fazer a notícia ficar mais didática ao telespectador. O tempo de duração das matérias varia de um minuto e meio a três minutos. As reportagens podem até ter um tempo maior, mas somente em casos excepcionais, como por exemplo, o atentado exibido na edição do dia 16 de abril, em que um estudante sul-coreano assassinou 33 pessoas na faculdade Virginia Tech, nos Estados Unidos. A matéria consumiu 2 minutos e 45 segundos do telejornal.

3.4 Prioridades dos telejornais

Dentre os vários temas que existem no mundo, como definir editorias ou assuntos que serão trabalhados para virarem notícia? A produção noticiosa em TV, de acordo com Maciel (1995) depende de duas premissas básicas: linha editorial adotada pela empresa midiática e o posicionamento dessa cobertura jornalística diária, seja na abordagem do fato ou na escolha das fontes. Jespers (1998) acredita que o conceito de imparcialidade dentro do telejornalismo tem uma necessidade de dar voz não só há apenas uma ou duas fontes, mas sim manter o equilíbrio sobre essas diferentes tendências de pensamento.

O *Jornal Nacional – JN*, é um telejornal que se orienta a cobrir os fatos que foram destaque no Brasil e no mundo. É um noticiário que procura dar espaço não só para temas emergenciais, como atentados ou tragédias de grande repercussão, mas também realizar um panorama geral dos acontecimentos.

Nas edições analisadas no período de 16/04 a 21/04 de 2007, as editorias que foram abordadas são: geral¹⁶, nacional, internacional, política, esporte, cobertura policial e previsão do tempo. Excepcionalmente, a edição do dia 16/04 (segunda-feira) rendeu um espaço maior para a editoria internacional devido ao atentado na faculdade Virginia Tech, nos EUA, em que um estudante saiu atirando a esmo e matou 33 pessoas. Foram inseridas no noticiário, em blocos diferentes desta edição em questão, matérias e notas cobertas que variam de 1 minuto a 1 minuto e 30 segundos.

No JN, a previsão do tempo, apresentada pela jornalista Rosana Jatobá (de segunda a sexta-feira. Já no sábado é apresentada pela Jornalista Flávia Freire), serve como quebra de um assunto para o outro. No lado superior direito do vídeo aparece um selo publicitário que identifica o anunciante do telejornal; já no lado

¹⁶ Entende-se, neste trabalho, denominar de **editoria geral** os fatos e/ou acontecimentos que se referem ao cotidiano, comportamento humano, saúde, ciência, tecnologia e destaques da sociedade ou curiosidades que mereçam o enfoque noticioso.

direito inferior, aparece a fonte do instituto de pesquisa que cedeu os dados da temperatura. A previsão do tempo possui uma nota coberta de um destaque meteorológico do Brasil ou do mundo, mais uma nota simples que informa a média da temperatura e condições climáticas do dia posterior.

Por conter matérias que variam de 1 minuto e 30 segundos a 2 minutos, o JN é um telejornal muito generalista, ou seja, não aprofunda no tema proposto na notícia, apenas informa. Na questão de dar o mesmo tempo para todas as fontes envolvidas numa matéria, o JN apresenta a seguinte postura: na matéria são exibidos depoimentos de fontes envolvidas diretamente com o caso ou que são especialistas no assunto. No final da matéria, os apresentadores lêem uma nota pé (de até 10 segundos) sobre o posicionamento de alguma fonte oficial envolvida. Segue abaixo um exemplo de nota pé¹⁷ do *Jornal Nacional - JN*, da edição do dia 16/04/2007:

JORNAL NACIONAL – FÁTIMA BERNARDES: Em comunicado oficial, o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, disse estar horrorizado com a tragédia no campus da Virginia Tech e lamentou o ocorrido à população norte-americana.

O *Jornal da Record – JR*, é um telejornal que também prima pela cobertura nacional e internacional, entretanto dá maior ênfase para a cobertura policial. No período analisado entre o dia 16/04 a 21/04/2007, pôde-se observar que o JR destina um tempo maior para a cobertura policial, principalmente no primeiro bloco do noticiário. As editorias abordadas no JR, no período desta análise, são: geral, nacional, internacional, política, esporte, cobertura policial, previsão do tempo e série de reportagens.

A área de política se restringe apenas a cobrir o dia-dia do Congresso Nacional e a agenda do Presidente da República. A

¹⁷ REDE GLOBO, Nota pé do Jornal Nacional da edição do dia 16/04/2007, após a matéria sobre o atentado terrorista na faculdade Virginia Tech, nos EUA. Rio de Janeiro: TV Globo, 2007. DVD (40 min.), estéreo.

cobertura policial é focada nas operações da Polícia Federal, Civil e/ou Militar na apreensão de materiais ilegais, entorpecentes ou ainda esquema de formação de quadrilha, como por exemplo estouro de cativeiros de seqüestros ou grupos estelionatários.

Nas matérias investigativas, pôde-se observar também a exibição de cenas oriundas de câmara escondida em que a pessoa usada como fonte na matéria não sabe que está sendo gravada: a voz é modificada e é usado um efeito de distorção de imagem no rosto da pessoa. Outro recurso é o uso de conversas gravadas entre criminosos ou acusados, previamente liberadas pela Justiça ou pela Polícia.

A previsão do tempo, realizada pela jornalista Adriana Reid, durante a semana analisada, realiza, antes de começar a informar a média da temperatura e condições climáticas do dia posterior, uma nota coberta nacional sobre um destaque meteorológico que se destacou no dia em questão.

Segue um exemplo de previsão do tempo do JR¹⁸ e do JN¹⁹ da edição do dia 16/04/2007:

JORNAL DA RECORD – ADRIANA REID: A falta de chuva em Salvador provocou o aparecimento de manchas avermelhadas na Bahia de Todos os Santos. // O tempo seco, o calor e o esgoto, aumentam a quantidade de algas tóxicas na água.// Elas formam fenômeno maré vermelha que, só este ano, matou toneladas de peixe na Bahia.// As imagens de satélite mostram nuvens que provocam chuvas passageiras na região.// O ar seco deixa a terça-feira ensolarada nesta faixa que sai do Rio Grande do Sul, passa por São Paulo e vai até o Pantanal.// Nas regiões mais escuras do norte, céu nublado e chuva a qualquer parte do dia. No Acre e em Minas Gerais, o sol aparece mas chove rápido à tarde.// Em Belo Horizonte,

¹⁸ REDE RECORD, Previsão do tempo da edição do dia 16/04/2007. São Paulo: TV Record, 2007. DVD (60 min.), estéreo.

¹⁹ REDE GLOBO, Previsão do tempo da edição do dia 16/04/2007. Rio de Janeiro: TV Globo, 2007. DVD (60 min.), estéreo.

temperatura mínima de 18° graus, máxima 37° graus, em Cuiabá.// Na região sul a temperatura sobe e o sol brilha forte.// Amanhã, os termômetros chegam a 34° graus em Porto Alegre.

JORNAL NACIONAL – ROSANA JATOBÁ: A forte ventania no fim de semana, na região nordeste, destruiu casas, derrubou árvores e por mais de 12 horas, moradores ficaram sem energia elétrica.// A terça-feira vai ser ensolarada em quase todo o Brasil, nesta faixa que sai da região sul e vai até ao centro-oeste.// As imagens de satélite mostram nuvens passageiras que deixam o tempo chuvoso nesta faixa do mapa.// O sol aparece, mas o céu continua nublado na região norte, que vai do Acre a Roraima.// Em Fortaleza mínimo de 19° graus e máxima de 25° graus. // Em São Paulo a temperatura chega aos 22° graus e máxima de 28° graus.// No Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Vitória, os termômetros chegam a 26° graus.

Toda semana o JR realiza uma série de reportagens de 2 minutos e 30 segundos a 5 minutos sobre um determinado tema, como se fosse uma espécie de documentário. Na semana analisada, o tema foi “As plantas que curam”: a série abordou tanto o lado científico e cultural das plantas da flora brasileira no tratamento das doenças; a patentes desses medicamentos, bem como a questão de espionagem entre os laboratórios; as simpatias e os tratamentos naturais à base de plantas e óleos. Já o *Jornal Nacional - JN*, na semana analisada, não apresentou nenhuma série de reportagens.

3.5 Relação texto e imagem

Um fato ou acontecimento pode se tornar notícia independente do veículo midiático que é publicado. Maciel (1995) reitera que na televisão a notícia tem um acompanhamento fundamental que é o

registro da imagem e do som. Dentro desse casamento entre áudio e vídeo existe o texto que é um fator de condução importante para a compreensão da matéria por parte do telespectador. Jespers (1998) diz que o jornalista, ao citar uma fonte no desenrolar da notícia, deve ter o cuidado de não induzi-lo a uma resposta que não condiz com o que foi perguntado ou ainda transparecer uma única opinião dentro da produção noticiosa.

O *Jornal Nacional – JN* e o *Jornal da Record – JR*, analisados no período de 16/04 a 21/04/2007, imprimem uma cadência padronizada no que é concebido academicamente como texto jornalístico para TV. De acordo com a Paternostro (1999), “o papel da palavra é dar apoio à imagem e não competir com ela; texto e imagem devem ser complementares e não excludentes.” (PATERNOSTRO, 1999, p. 76). Desse modo, a autora acredita que o jornalista deve ter o que ela adjectiva como sensibilidade no momento de casar texto/imagem, sem ser descritivo e redundante no relato noticioso que será construído.

Nos dois telejornais analisados foram observados o uso da linguagem coloquial e respeito com as regras gramaticais da língua portuguesa. No JN o texto é enxuto, sintético e tem o intuito de acrescentar dados perante as imagens das matérias ou notas cobertas; já no JR o texto também é preciso e conciso, entretanto as cabeças das matérias, por exemplo, se assemelham às notas simples, pois não resumem as informações que serão vistas nas matérias, pelo contrário: a cabeça é tão informativa e acrescenta dados que não estão na matéria; já no JN esses dados adicionais se transformam, na grande maioria das vezes, em notas pé – recurso pouco utilizado no JR.

3.6 Critérios de noticiabilidade

Dentre os vários acontecimentos que podem virar notícia, a seleção deles é uma tarefa que prima pelos critérios de noticiabilidade utilizados em cada telejornal. Tanto Erbolato (1979) quanto Wolf

(1999), são autores que apontam itens que nos servirão de sustentação para a análise do *Jornal Nacional* – JN (TV Globo) e do *Jornal da Record* – JR (TV Record). Wolf (1999) enuncia os seus critérios de noticiabilidade independente da mídia que será analisada. Já Erbolato (1979) pensou seus critérios para serem analisados para mídia impressa. (Ver em 2.2.1).

O Brasil é dividido em 26 estados, e um Distrito Federal (Brasília – capital brasileira), e é subdividido em 5.564 municípios. Possui mais de 8 bilhões de km² é o terceiro maior em área, o segundo mais populoso país da América e o quinto maior em área e população do mundo, de acordo com o site Wikipédia²⁰. O trabalho de apontar os destaques de todo o território nacional é um trabalho intenso e minucioso. O que pode virar notícia? O que vira matéria? O que vira reportagem? O que vira nota? O que vira nota coberta? Em TV, dois fatores são fundamentais para essa “pré-definição”: a relevância desse acontecimento na sociedade e o tempo do telejornal. No JN, que tem 45 minutos de duração, por exemplo, no período analisado entre os dias 16/04/2007 a 21/04/2007, não houve reportagens (acima de três minutos), apenas matérias que variam de um minuto e meio a dois minutos, notas cobertas e lapadas; Já no JR, que tem uma hora de duração, no período analisado entre os dias 16/04/2007 a 21/04/2007, as matérias variaram entre um minuto e meio a três minutos, dependendo do caráter de repercussão da notícia. Houve espaço para reportagens, uma espécie de um mini-documentário, onde foi exibida a série de reportagens “As plantas que curam” com duração entre três minutos e meio a cinco minutos.

Para um fato e/ou acontecimento ser transformado em notícia este deverá ter impacto e utilidade para o público, de acordo com Wolf (1999). No JN, observou-se que há um predominância de notícias generalistas, ou seja, não há uma editoria específica trabalhado no telejornal, mas sim a cobertura, mesmo que seja pequena dos acontecimentos de destaque nacional e internacional;

²⁰ Site Wikipédia, acessado em 13/05/2007, disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil>>.

já no JR, há um maior espaço para a cobertura policial nacional e acontecimentos derivados da violência urbana. O carro-chefe do telejornal são notícias de operações da Polícia Federal e tragédias que sofreram algum tipo de comoção ou repercussão nacional. Entretanto, o noticiário também consegue realizar plenamente a cobertura de fatos/acontecimentos de outras editorias que foram destaque no Brasil e no mundo.

Por ser o telejornal mais visto na TV brasileira, conforme o site *Tele História*, as notícias exibidas no JN possuem mais visibilidade e um alcance maior de público do que qualquer outro noticiário. Entretanto, tanto o JN quanto o JR realizam a tarefa de repercutir destaques da imprensa no decorrer do dia ou de exibirem, com exclusividade, determinados eventos noticiosos que possam a vir gerar repercussão no dia posterior. Um exemplo, no JN é a cobertura durante toda a semana de análise das preparações da vinda do Papa ao Brasil, a expectativa do sumo-pontífice e as comemorações de 80 anos dele. Já o JR, trouxe um caso mais popular: um rapaz surdo-mudo que foi preso injustamente numa delegacia paulistana. Durante toda semana, a reportagem exibia matérias que acresciam dados relacionados anteriormente divulgados, até que na edição do dia 19/04/2007, o rapaz deficiente reencontra seus familiares e é absolvido pela justiça.

Tanto o JN quanto o JR utilizam-se de fontes oficiais (autoridades, ONGs, entidades de classe, empresas públicas e privadas) e personagens (pessoas comuns que vivem na sociedade: trabalhadores, donas-de-casa, aposentados e estudantes) que ilustram o tema proposto na matéria/reportagem. As fontes oficiais funcionam para mostrar o posicionamento desses órgãos sobre as questões mostradas numa notícia. Já os personagens têm o objetivo de aproximar o telespectador com a realidade apresentada no relato noticioso.

Não, necessariamente, uma mesma fonte deu o mesmo depoimento para telejornais diferentes: no JN as fontes oficiais aparecem mais nas matérias de política e como nota pé lida pelos apresentadores. Os personagens da notícia aparecem preferenci-

almente na matéria/reportagem para exemplificar um tema e com depoimentos bem objetivos do acontecimento relatado; já no JR tanto as fontes oficiais quanto os personagens da matéria aparecem sempre dentro da matéria/reportagem, o que não quer dizer que ambas tenham o mesmo tempo. O que assegura um tempo maior ou menor para o depoimento desses dois tipos de fonte é o impacto que essa sonora terá dentro da notícia. Nas seis edições analisadas do JR, entre os dias 16/04/2007 a 21/04/2007, somente foram encontradas três notas pé que apenas reforçaram a sonora destas fontes.

Considerações finais

A televisão é um veículo de comunicação que possui um número muito elevado de público em relação às outras mídias. Por ser gratuito em TV Aberta, o telejornalismo é a maneira que milhares de pessoas no Brasil tem para buscar informação diariamente sobre vários temas. O modo de produção noticiosa em TV exige duas premissas do jornalista: conhecimento da linguagem dessa mídia eletrônica e prática constante, que advém do tempo de trabalho e do gosto por esse tipo de atuação. Diferente do que acontece nos outros meios, a notícia em TV sofre constantemente a pressão do tempo: seja na duração total do telejornal, no impacto social causado pela informação ou até mesmo na linha editorial que inibe ou omite determinados assuntos.

O *Jornal Nacional* – JN possui mais de 30 anos no ar e serve de referência para estudos que envolvam telejornais de rede. O JN mudou o formato, o cenário, os apresentadores, no decorrer da sua história, porém sempre manteve uma identidade que o diferenciava dos demais telejornais: a qualidade do texto e da edição, oriundos do Padrão Globo de Qualidade e do modelo americano de telejornalismo. Atualmente, o JN é um telejornal que se orienta a cobrir os destaques do Brasil e do mundo e tem pouca profundidade no que noticia. A idéia de relacionar uma notícia à outra é criativa, porém acompanhar o desdobramento de um caso, pesquisar as suas causas de origens e dar o mesmo “peso” para uma fonte oficial e um personagem da matéria são de fundamental importância para a ética e a imparcialidade jornalística, afinal ambas merecem o mesmo destaque. Quando uma fonte está na matéria e

a outra na nota pé, já podemos perceber qual está em detrimento em relação à outra. A concentração de notícias vindas do eixo Rio-São Paulo e de notícias internacionais, mostra a incoerência do noticiário que se denomina nacional e menospreza os acontecimentos das outras praças brasileiras da TV Globo. (Ver anexo C).

O *Jornal da Record – JR* nasceu da idéia da TV Record de copiar o formato de sucesso do *Jornal Nacional – JN*, principalmente no cenário, ritmo da locução dos apresentadores, nos recursos técnicos de edição e no tempo das matérias que variam de um minuto e meio a dois minutos. Entretanto, o telejornal que absorveu boa parte da equipe de jornalismo da TV Globo conseguiu se livrar do título de cópia e vem ganhando, aos poucos, identidade jornalística – prova disso são os inúmeros prêmios recebidos nesse período de quase um ano e meio de reformulação editorial. Analisar o JR é ter em mente que houve também uma mudança editorial no jornalismo da TV Record, principalmente na figura do repórter de vídeo que faz off, sonoras e passagem. Houve uma reestruturação na redação: foram criadas não só mais equipes de reportagem, mas um núcleo específico para reportagens investigativas/especiais para a emissora. O JR, nos dias investigados, sempre destina um bloco do noticiário para matérias de outras praças brasileiras e torna o telejornal mais nacional, mostrando que há acontecimentos relevantes fora do sudeste.

Como jornalista, este trabalho me deu a chance de conhecer melhor o telejornalismo brasileiro e entender seus conceitos de uma maneira mais prática, a partir da análise do material que foi gravado. Apesar de ser um ramo que absorve poucos profissionais no mercado de trabalho, o telejornalismo sempre me despertou interesse e me motiva a atuar nesse ramo em que o texto, a imagem e o som são fundamentais para a concretização da produção noticiosa final.

Pude observar também o quanto é difícil ter que fazer esse recorte da realidade e ter que priorizar os destaques que irão ao ar num telejornal. Na análise comparativa, fica evidente o quanto os

telejornais construíram, ao longo da sua trajetória, identidade própria que os caracteriza como os principais noticiários das emissoras de TV em que são exibidos.

No Brasil, há um grande número de jornalistas que escrevem sobre telejornalismo, mas de uma forma mais generalizada, com o intuito de realizar um panorama sobre os procedimentos ou mecanismos da notícia em TV. Ao escrever, num primeiro momento este trabalho, busquei abordar papel da edição dentro do telejornalismo que ainda possui pouco material acadêmico relacionado. Durante a pesquisa bibliográfica, o termo edição é tratado como um item no telejornalismo ou apenas como uma terminologia técnica dentro da redação.

Procurei demonstrar que a edição, aliada aos critérios de noticiabilidade, serve também como referência para a produção noticiosa de um telejornal de rede. Assim, dentro de uma infinidade de acontecimentos no Brasil e no mundo, a simples tarefa de selecionar envolve, não só critérios jornalísticos, mas sim a linha editorial adotada pela empresa de comunicação e a sensibilidade do jornalista em perceber o peso que cada assunto deve merecer dentro de uma redação.

Referências bibliográficas

- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnicas*. São Paulo: Editora Àtica, 1990.
- BARBOSA, Izamara. *Apostila de Telejornalismo*. UNI-BH: Belo Horizonte, 2005.
- COUTINHO, Iluska. *A busca por critérios editoriais em telejornalismo*. Núcleo de Jornalismo, XXVI Congresso Anual em Ciências da Comunicação, Belo Horizonte/MG, set. /2002.
- COUTINHO, Iluska. *Telejornalismo no Brasil*. Núcleo de Jornalismo, XXVI Congresso Anual em Ciências da Comunicação - Intercom, Belo Horizonte/MG, set. /2003.
- CURADO, Olga. *A notícia na TV*. São Paulo: Alegro, 2002. 194 p.
- ERBOLATO, Mário L., 1919-. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.
- FANG, Irving. *Television News*. EUA: Hastings House, 1972.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- JESPERS, Jean-Jacques. *Jornalismo Televisivo*. Coimbra: Minerva, 1998.

- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- MACIEL, Pedro. *Jornalismo de televisão: normas práticas*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1995.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: ed. Vozes, 2001.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *O acontecimento*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis. Editora Vozes, 1998.
- TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Editora Usiminas, 2001.
- WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WOLTON, Dominique. *Elogio ao grande público: uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Ática, 1995.
- YORKE, Ivor. *Jornalismo diante das câmeras*. São Paulo: Summus, 1998.

Pesquisa eletrônica

REDE GLOBO, *Jornal Nacional* – gravação das edições do dia 16/04 a 21/04/2007. Rio de Janeiro: TV Globo, 2007. DVD (240 min.), estéreo.

REDE GLOBO. *Perfil do noticiário Jornal Nacional*. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://jornalnacional.globo.com/>>. Acessado em: 11 nov. 2006.

REDE RECORD, *Jornal da Record* – gravação das edições do dia 16/04 a 21/04/2007. São Paulo: TV Record, 2007. DVD (360 min.), estéreo.

REDE RECORD. *Perfil do noticiário Jornal da Record*. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.rederecord.com.br/frameset.asp?prog=5>>. Acessado em: 11 nov. 2006.

REDE RECORD. *Comunicado oficial sobre o novo Jornal da Record que estreou no dia 30 de janeiro de 2006*. São Paulo. Disponível em: <www.rederecord.com.br>. Acessado em: 11 nov. 2006.

TELE HISTÓRIA. *História do Jornal Nacional da TV Globo*. São Paulo. Disponível em: <<http://www.telehistoria.com.br/canais/jornalisticos/globo/jornalnacional.htm>>. Acessado em: 11 nov. 2006.

TELE HISTÓRIA. *História do Jornal da Record da TV Record*. São Paulo. Disponível em: <<http://www.telehistoria.com.br/canais/jornalisticos/record/jornaldarecord.htm>>. Acessado em: 11 nov. 2006.

WIKIPÉDIA. *Brasil*. São Paulo. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil>>. Acessado em: 13 mai. 2007.

Anexos

Anexo A – Análise comparativa da escalada do Jornal Nacional e Jornal da Record, do dia 16/04/2007 e 20/04/2007

Escalada do dia 16/04/07: (Segunda-feira)

Jornal Nacional (escalada)

Tiros em Blackburg: mais de 30 pessoas morrem dentro de uma universidade nos Estados Unidos.

As atenções do mundo todo se voltam para o Estado da Virgínia. O presidente Bush se declara horrorizado. Autoridades da segurança afirmam que não há indicações de motivação terrorista.

Nossos repórteres trazem ao vivo todos os detalhes dessa tragédia americana.

Na Venezuela, líderes sul-americanos se reúnem para discutir as questões energéticas da região.

Em Israel, as homenagens às vítimas do Holocausto: fogo e uma sirene que pede silêncio.

No Vaticano, e também na Alemanha, fiéis comemoram os 80 anos de Bento 16.

No Abril Vermelho do MST, manifestantes sem-terra invadem um prédio do Incra em Brasília.

O IBGE começa o censo do campo e das cidades pequenas e médias.

Luto no esporte brasileiro: a nadadora Maria Lenk morre após um mal estar dentro da piscina, aos 92 anos de idade.

Nossos repórteres revelam o endereço dos milhões de reais descobertos na Operação Furacão.

Jornal da Record (escalada)

Um novo pesadelo nos Estados Unidos: o maior massacre em uma universidade deixa mais de 30 mortos. Estudantes brasileiros contam como foram as horas de terror.

O ataque contra a máfia dos caça-níqueis: uma fortuna impressionante é encontrada com os detidos na megaoperação da Polícia Federal. Carros luxuosos, relógios de ouro e mais de R\$ 15 milhões em dinheiro e cheques.

Reféns do medo: agente penitenciário revela as ameaças sofridas pela categoria. Só este ano, cinco foram assassinados.

Em São Paulo, mais um jovem é espancado até a morte.

Um ônibus despenca e mata 12 no Ceará.

O encontro de Lula e Chávez na Venezuela.

Bactéria perigosa contamina hospitais no Rio.

Na reportagem especial, as plantas que curam: o que tem de verdade e de mentira sobre os remédios da floresta?

Escalada do dia 20/04/07: (Sexta-feira)

Jornal Nacional (escalada)

Gasolina com álcool demais, gasolina misturada com solvente: combustível batizado leva 40 pessoas para a cadeia no Nordeste.

Nossos repórteres mostram o tamanho dessa mesma fraude em postos de São Paulo.

Morte no Centro Espacial Americano de Houston: um homem armado mata um refém e se suicida.

A Polícia Federal apreende documentos e computadores de advogados, juízes e desembargadores em São Paulo e afirma que eles recebiam propina mensal para conceder sentenças favoráveis.

Vizinho problema: disputas internas levam a Bolívia a reduzir o fornecimento de gás para o Brasil.

No Esporte, é hora de decisão na Super Liga: qual é a melhor equipe feminina do vôlei brasileiro?

Jornal da Record (escalada)

A caçada contra o crime organizado: operação contra a venda de sentenças chega a São Paulo. Desembargadores, juízes e policiais são investigados. Magistrados recebiam propina de R\$ 30 mil por mês.

Polícia apreende documentos e conteúdo de computadores na sede da Justiça e no Ministério da Fazenda. Mais bingos são fechados.

Revolta da Polícia Militar em Alagoas.

Duas imagens impressionantes: um homem dormiu no volante nos Estados Unidos, e a casa caiu no Canadá.

Show de pilotos radicais no Rio de Janeiro.

Na reportagem especial, piratas internacionais de olho nas pesquisas das plantas que curam. Alguns trabalhos hoje são desenvolvidos a portas fechadas.

Uma receita caseira usada pelos pescadores que virou um poderoso medicamento. O remédio rudimentar é hoje um dos mais modernos antiinflamatórios produzidos no Brasil.

Anexo B – Ficha Técnica: Jornal Nacional e Jornal da Record

Jornal Nacional

Editor-chefe e apresentador: William Bonner.

Editora-chefe adjunta: Liliane Yusim.

Editora-executiva e apresentadora: Fátima Bernardes.

Editores: Angela Garambone, Carlos Eduardo Bauer, Chico Walcacer, Elisabeth Costa, Eric Hart, Fernando Castro, Luiz Ávila, Ricardo Jacomo, Roberto Machado e Vinicius Menezes.

Editores regionais: César Seabra (Nova York), Jô Mazzarollo (Recife), Luiz Cláudio Latgé (São Paulo), Renato Ribeiro (Rio de Janeiro), Renê Astigarraga (Belo Horizonte), Silvia Faria (Brasília).

Coordenador - Rio de Janeiro: Carlos Jardim.

Editores - Rio de Janeiro: Alexandre Mattoso, Laura Nonohay e Leila Maia.

Coordenador - São Paulo: Rosane Batista (São Paulo).

Editores - São Paulo: Ana Maria Escalada, Ivandra Previdi, Ivone Happ e Wagner Suzuki.

Coordenador – Brasília: Esdras Paiva.

Editores – Brasília: Regina Montella, Tânia Bellani, Denise Lacerda e Ava Nóbrega.

Coordenador - Belo Horizonte: Clécio Vargas.

Editor - Belo Horizonte: Marcelo Queiroz

Correspondentes internacionais: Jorge Pontual (Nova York), Lilia Teles (Nova York), Roberto Kovalick (Nova York), Alberto Gaspar (Jerusalém), Ari Peixoto (Buenos Aires), Ilze Scanparini (Roma), Marcos Losekann (Londres), Pedro Bassan (Pequim) e Sônia Bridi (Paris).

Chefe de produção e edição: Cristiana Sousa Cruz.

Produtores: Adriana Caban, Ana Paula Brasil, Dagoberto Souto Maior e Rogério Nery.

Coordenadora de produção - Nova York: Mônica Maria Barbosa

Ilustrador-chefe: Gilda Rocha e Hélio Bueno.

Editor de arte: Accácio Fernandes.

Ilustrador: Letícia Vorcaro, Thiago Pires
e Tobias Coelho Neto.

Videografismo: Simone Carvalho

Produtor Internet: Alfredo Bokel e Carolina Lanzarini.

Coordenação: José Roberto dos Santos.

Assistente de produção: César Marcelo, Fábio Pacheco,
Heraldo Amaral e José Assis Silva.

Direção de imagens: Kiko Gomes e Leonardo Miranda Penna.

Diretor de operações: Fernando Guimarães.

Diretor de Esportes: Luis Fernando Lima.

Diretor executivo de Jornalismo: Ali Kamel.

Diretor responsável: Carlos Henrique Schroder

Jornal da Record

Editor-Chefe: Valdir Zwetch.

Editor Executivo: João Beltrão e José Occiususk.

Editor Executivo Sênior: Luíz Cosme.

Apresentadores: Celso Freitas e Adriana Araújo.

Chefia de Reportagem: Adalberto Bottinni, Luís Malavolta
e Maria Paula Bexiga.

Coordenação de Pauta: Edvaldo Nunes.

Direção de Operação e Engenharia: Reinaldo Gili.

Sub-chefia de Redação: Luíz Canário.

Chefia de Redação: Hilton Mineiro Nassen, Clóvis Rabelo
e Geórgia Theodora Katoulos.

e-mail: jornaldarecord@rederecord.com.br

Diretor de Jornalismo: Douglas Tavolaro.

Anexo C – Quadro Geral – Análise Quantitativa do Jornal Nacional e Jornal da Record

D) Jornal Nacional

Telejornal	Edição/Data	Notas Simples	Nota Coberta	Nota Pé	VT: Matéria Nacional
Jornal Nacional	16/04/2007	2	3	6	6
Jornal Nacional	17/04/2007	3	6	6	7
Jornal Nacional	18/04/2007	3	4	5	7
Jornal Nacional	19/04/2007	3	4	6	6
Jornal Nacional	20/04/2007	1	4	3	6
Jornal Nacional	21/04/2007	4	5	2	6
Total		16	26	28	38

Telejornal	Edição/Data	VT: Matéria Internacional	VT: Reportagem	Artes e/ou Re- cursos Gráficos	Previsão do Tempo
Jornal Nacional	16/04/2007	6	0	16	1
Jornal Nacional	17/04/2007	4	0	15	1
Jornal Nacional	18/04/2007	5	0	12	1
Jornal Nacional	19/04/2007	5	0	16	1
Jornal Nacional	20/04/2007	5	0	14	1
Jornal Nacional	21/04/2007	5	0	16	1
Total		30	0	89	6

II) Jornal da Record

Telejornal	Edição/Data	VT: Matéria Internacional	VT: Reportagem	Artes e/ou Re- cursos Gráficos	Previsão do Tempo
Jornal da Record	16/04/2007	4	1	20	1
Jornal da Record	17/04/2007	4	1	14	1
Jornal da Record	18/04/2007	4	1	18	1
Jornal da Record	19/04/2007	4	1	20	1
Jornal da Record	20/04/2007	4	1	20	1
Jornal da Record	21/04/2007	4	1	20	1
Total		24	6	112	6

Telejornal	Edição/Data	Notas Simples	Nota Coberta	Nota Pé	VT: Matéria Nacional
Jornal da Record	16/04/2007	3	10	0	18
Jornal da Record	17/04/2007	2	12	0	15
Jornal da Record	18/04/2007	2	8	1	18
Jornal da Record	19/04/2007	3	7	0	15
Jornal da Record	20/04/2007	1	12	1	15
Jornal da Record	21/04/2007	2	10	1	18
Total		13	59	3	99

Anexo D – Notícias sobre o Jornal Nacional e Jornal da Record

1. **Jornal da Record estreia com 13 pontos de média e picos de 24** - página 70.

http://www.rederecord.com.br/imprensa/press_releases_exibe.asp?c=2003

2. **Jornal da Record atinge pico de 14 pontos**

http://www.rederecord.com.br/imprensa/press_releases_exibe.asp?c=4532

3. **Globo esnoba Record e tenta reconquistar espaço em SP**

<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimadahora&url=http%3A%2F%2Fwww1.folha.uol.com.br%2Ffolha%2Filustrada%2Fult90u71050.shtml>

4. **Record toma correspondente da Globo nos EUA em *guerra jornalística***

<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimadahora&url=http%3A%2F%2Fwww1.folha.uol.com.br%2Ffolha%2Filustrada%2Fult90u70337.shtml>

5. **Visita do Papa reacende “guerra santa” entre Globo e Record**

<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimadahora&url=http%3A%2F%2Fwww1.folha.uol.com.br%2Ffolha%2Filustrada%2Fult90u69987.shtml>

1. Jornal da Record estreia com 13 pontos de média e picos de 24

http://www.rederecord.com.br/imprensa/press_releases_exibe.asp?c=2003

HOME » PRESS RELEASES » Jornal da Record estreia com 13 pontos de média e picos de 24

31/jan/2006

» Jornal da Record estreia com 13 pontos de média e picos de 24



Abrindo o noticiário com uma matéria exclusiva sobre denúncia envolvendo o ex-prefeito Paulo Maluf, o novo Jornal da Record estreou ontem, 30/01, com excelente desempenho no Ibope. No período de sua exibição, das 20h40 às 21h18, o telejornal apresentado por Celso Freitas e Adriana Araújo marcou 13 pontos de média e picos de 24, segundo dados consolidados do Ibope na Grande São Paulo. O índice alcançado representa o dobro da audiência conquistada até então no horário.

No mesmo período, o SBT obteve 6,5 de média, a Globo 41, a Band 2 e a Rede TV! 2.

Clique aqui para fotos:
[Celso Freitas](#)
[Adriana Araújo](#)
[Os dois na bancada](#)

* os dados de audiências referem-se aos dados consolidados Telereport Ibope Grande São Paulo.

ÍNDICE IMPRIMIR

2. Jornal da Record atinge pico de 14 pontos

http://www.rederecord.com.br/imprensa/press_releases_exibe.asp?c=4532

HOME » PRESS RELEASES » Jornal da Record atinge pico de 14 pontos

20/abr/2007

» Jornal da Record atinge pico de 14 pontos



O Jornal da Record, apresentado por Celso Freitas e Adriana Araújo, atingiu nesta quinta-feira (09/04), das 20 às 21 horas, pico de 14 pontos, média de 11 e share de 17%.

* os dados de audiências referem-se aos dados consolidados Telereport Ibope Grande São Paulo.

ÍNDICE IMPRIMIR

3. Globo esnoba Record e tenta reconquistar espaço em SP

<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimadahora&url=http%3A%2F%2Fwww1.folha.uol.com.br%2Ffolha%2FIlustrada%2Fult90u69987.shtml>

FOLHAONLINE

03/04/2007 - 19h47

Globo esnoba Record e tenta reconquistar espaço em SP

DIÓGENES MUNIZ
da Folha Online

Pela primeira vez desde sua criação (1965), a TV Globo divulgou lançamentos de sua grade anual em uma única tacada. A emissora carioca se deslocou à capital paulista, nesta terça (3), para o anúncio das ditas "novidades de 2007". A movimentação tem como foco retomar o espaço perdido para a Record na mídia paulistana nos últimos meses.

Com uma grade que conserva o principal do esqueleto de 2006, não sobrou muito para a Globo exibir em termos de inovação de conteúdo, além dos costumeiros retornos de férias ("Casseta e Planeta", "Linha Direta" etc) e um projeto de microséries no estilo de "Hoje é Dia de Maria" --o chamado "Quadrante".

Zé Paulo Cardaal/TV Globo



Octávio Fioribai, diretor-geral da Globo, em evento realizado em São Paulo

"A Globo sempre apresenta seus lançamentos separados, um a um. Mas a idéia aqui é vender a grade inteira", disse o mestre-de-cerimônias Zeca Camargo, no hotel Grand Hyatt (zona sul de SP). O anúncio da grade requeitada, no entanto, não era o principal alvo da TV da família Marinho.

Segundo [relatório](#) do Ibope Telereport obtido pela [Folha Online](#), a Record aumentou em 18% sua audiência na Grande SP nos três primeiros meses deste ano. Já a Globo, perdeu 6% no Ibope.

A emissora carioca continua líder absoluta e incontestável (tem 19,9 pontos no primeiro trimestre de 2007, enquanto a Record ficou com 6,8). Ainda assim, o slogan "A caminho da liderança" da emissora da Igreja Universal perde, aos poucos, o verniz de provocação megalomaniaca.

"A palavra liderança está sendo mal usada", replicou no evento desta terça Anco Saraiva, diretor da Central Globo de Marketing. Em mais de duas horas de exposição, o nome da emissora da Barra Funda não foi sequer citado --referiu-se à Record como "Rede C" e ao SBT como "Rede B".

Em algumas declarações, o alvo era óbvio. O diretor-geral da Globo, Octávio Florisbal, chegou a dizer que a Globo vai investir mais no seu banco de artistas, "que vem sendo assediado pela concorrência." Funcionários e ex-funcionários da Globo, como Toni Garrido, Eduardo Lago e Patrícia Travassos, [fecharam contrato](#) com a Record no último mês.

Walter Zagari, vice-presidente comercial da emissora paulista, [já afirmou](#) que até 2009 a Record terá mais espectadores do que a Globo. Previsão ou mera provocação, a Globo não quer pagar para ver --e já se movimenta.



[Novela "Vidas Opostas" já conseguiu superar desempenho da Globo no ranking de audiência](#)

4. Record toma correspondente da Globo nos EUA em *guerra jornalística*

<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimadahora&url=http%3A%2F%2Fwww1.folha.uol.com.br%2Ffolha%2FIlustrada%2Fult90u70337.shtml>

FOLHAONLINE

17/04/2007 - 11h25

Record toma correspondente da Globo nos EUA em "guerra jornalística"

da Folha Online

A Record continua apostando pesado em jornalistas da Globo. A nova contratação da emissora é a jornalista Heloisa Villela, informa a [coluna de hoje](#) de Daniel Castro na **Folha** (exclusivo para assinantes).

Heloisa é correspondente nos Estados Unidos há 17 anos. Segundo o colunista, a Globo queria trazer a jornalista de volta para o Brasil. Assim, ela deixaria de ser correspondente.

O contrato seria assinado ontem à noite, de acordo com Castro. No início do mês, a coluna [Zapping](#) de Fabíola Reipert citou os rumores sobre a negociação.

Para encarar a "guerra jornalística" pela audiência entre as emissoras no exterior, a Record tem até um escritório em Washington com vista para a Casa Branca. A emissora terá uma credencial vip para acesso à sede do governo norte-americano --o que, hoje, apenas a Globo possui no Brasil.

Em solo nacional, a disputa já levou a Record a tirar diversos nomes de peso da Globo nos últimos dois anos, como Celso Freitas, Silvestre Serrano, Rodrigo Vianna, Lúcio Sturm e Arnaldo Duran.

5. Visita do Papa reacende “guerra santa” entre Globo e Record

<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimadahora&url=http%3A%2F%2Fwww1.folha.uol.com.br%2Ffolha%2FIlustrada%2Fult90u69987.shtml>

FOLHAONLINE

12/05/2007 - 13h44

Visita do papa reacende "guerra santa" entre Globo e Record

DIOGENES MUNIZ

Editor-assistente de Ilustrada da Folha Online

A religião evangélica é uma seita, anunciou o "Jornal Nacional" em sua manchete de sexta (11). O papa está preocupado com a diminuição da Igreja Católica, rebateu o "Jornal da Record", quase à mesma hora. As rivais Globo e Record estão aproveitando a visita de Bento 16 para reiniciar uma troca de farpas editoriais e religiosas.

O "Jornal Nacional", assim como fez o sumo pontífice, referiu-se aos evangélicos como membros de uma seita. O tratamento se deu na abertura do telejornal e em uma entrevista da repórter Ilze Scamparini com d. Serafim Fernandes de Araújo. "As seitas hoje não mais preocupam este cardeal emérito de Minas Gerais", disse a repórter.

Divulgação



Já o "Jornal da Record" ignorou a canonização de frei Galvão ao anunciar as manchetes do dia - no jargão jornalístico, a "escalada". "No encontro com bispos, papa mostra preocupação com perda de fiéis da Igreja Católica", mancheteou.

Divulgação



Tanto o jornalismo da Globo quanto da Record se manifestaram a respeito desta notícia e a rejeitaram (*leia mais abaixo*).

Católicos X Evangélicos

A Igreja Universal do Reino de Deus injeta legalmente na rede Record centenas de milhões de reais ao ano, ao comprar espaço na madrugada a preços supostamente acima dos praticados no mercado para aquele horário.

Ou seja, parcela do dinheiro que circula na rede viria do dízimo depositado pelos fiéis da Universal, já que a igreja em tese não gera riqueza.

Todas as manhãs de domingo, há quase 40 anos, a Globo transmite a "Santa Missa". Trata-se do mais antigo programa da rede--está no ar desde 4 de fevereiro de 1968. A partir de 1971, a

pedido do cardeal D. Eugênio Sales, o programa passou a destinar uma parte do tempo para a divulgação de notícias da própria arquidiocese.

Ibope

Ao menos em uma batalha --a da audiência-- a Globo já pode comemorar vitória sobre a Record nestes dias de acompanhamento de Bento 16.

A cobertura da vinda do papa ao Brasil aumentou a audiência da emissora carioca em 75% na quarta-feira (9). Ficou com 28 pontos no Ibope entre 16h e 17h20 daquele dia, quando Ratzinger pisava no solo nacional.

Já a Record marcou três na mesma faixa de horário, mas com um acompanhamento bem menor --limitou-se a alguns "flashes" da visita.

Outro lado

Após a publicação desta reportagem, o editor-chefe do "Jornal Nacional", William Bonner, enviou um e-mail à redação da **Folha Online**. Nele, o apresentador nega que a manchete do "Jornal Nacional" tenha tratado a religião evangélica como uma seita.

"Na realidade, a frase dita por Fátima Bernardes entre as manchetes de abertura do 'JN' foi: 'O papa critica seitas, pede honestidade a políticos e empresários, defende o celibato dos católicos e ataca o divórcio.'"

Em sua reportagem, no entanto, o "Jornal Nacional" trata apenas da religião evangélica, sem citar outras correntes religiosas.

O diretor de Jornalismo da Record também se manifestou. Em e-mail, Douglas Tavoraro negou que a emissora tenha "ignorado" a canonização do 1º santo brasileiro.

Segundo ele, a informação de fato não foi dada na "escalada", mas foi a reportagem de abertura --"cuja importância editorial é a mesma".

Tavoraro também afirma que a canonização foi "transmitida em flashes durante toda a manhã."